



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

LÍVIA SILVA E VIANA

**UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES DA DEFICIÊNCIA
VISUAL NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA**

Salvador

2018

LÍVIA SILVA E VIANA

**UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES DA DEFICIÊNCIA
VISUAL NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dra. Alessandra Santana Soares e Barros.

Salvador

2018

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Viana, Livia Silva e.

Um estudo de representações da deficiência visual na literatura brasileira contemporânea [recurso eletrônico] / Livia Silva e Viana. – Dados eletrônicos - 2018.
1 CD-ROM ; il. ; 4 ¾ pol.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alessandra Santana Soares e Barros.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia.
Faculdade de Educação, Salvador, 2018.

1. Literatura brasileira. 2. Cegueira. 3. Personagens literários.
4. Deficientes visuais. I. Barros, Alessandra Santana Soares e. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 869 - 23. ed

LÍVIA SILVA E VIANA

**UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES DA DEFICIÊNCIA
VISUAL NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Aprovada em _____

Banca Examinadora

Alessandra Santana Soares e Barros – Orientadora _____

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

Lícia Maria Freire Beltrão _____

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

Theresinha Guimarães Miranda _____

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo
Universidade Federal da Bahia

Edgar Roberto Kirchof _____

Doutor em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grand
do Sul
Universidade Luterana do Brasil

Para você, meu leitor.
Para Suely e Gil, meus pais.
Para Ana Clara, minha irmã.

AGRADECIMENTOS

A Deus, gratidão por toda sabedoria concedida. Meu Pai, meu grande amor, meu senhor, serei eternamente grata por me dares muito mais do que eu preciso.

Aos meus pais, Gil e Suely, agradeço por todo empenho e dedicação na minha formação. Sem as orações e atos de amor, não alcançaria meus objetivos; vocês são essenciais em minha vida.

A minha irmã Ana Clara, sou extremamente grata por todo o apoio, colaboração e paciência; juntas somos mais fortes.

A minha queridíssima orientadora, Prof^a Alessandra Santana Soares e Barros, gratidão por todo o conhecimento concedido ao longo desses anos. A senhora causou uma grande transformação em minha vida e tenho orgulho de ser orientada por uma mulher como você.

Aos professores Edgar Kirchof, Lícia Beltrão e Theresinha Miranda, pelo cuidado durante a leitura do meu texto de qualificação e também por participarem da minha banca de defesa de dissertação. Vocês são três grandes referenciais de profissionais para mim.

À CAPES, sou grata por todo o financiamento da pesquisa.

Aos professores e técnicos administrativos do Programa de Pós-Graduação em Educação FAGED/UFBA, agradeço por todo o acolhimento e contribuições para o desenvolvimento da pesquisa.

Ao GEINE/UFBA, sou grata por me proporcionarem grandes momentos de aprendizagem e a construção de laços de amizade.

Ao grupo Cartografias da Infância/UFBA, agradeço por toda a contribuição em meu processo formativo desde a graduação.

Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.

José Saramago (1995, p. 10)

VIANA, Livia Silva. **Um estudo de representações da deficiência visual na literatura brasileira contemporânea**. 100 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

RESUMO

A pesquisa é de natureza qualitativa, e a investigação se realizou de modo inspirado nos Estudos Culturais e na Análise de Discurso. Ela visa investigar como os personagens com deficiência visual estão sendo representados e tematizados na literatura do mercado editorial brasileiro. Para tanto, seis livros foram selecionados: *Longe dos olhos*, de Ivan Jaf; *O grande desafio*, de Pedro Bandeira; *O menino sem imaginação*, de Carlos Eduardo Novaes; *Ponto Cego*, de Felipe Colbert; *Surpreendente!*, de Maurício Gomyde; e *Turismo para cegos*, de Tércia Montenegro. A pesquisa propôs analisar as narrativas, enunciar os regimes de representação e identificar qual a filiação discursiva/ideológica dos livros em torno da deficiência visual. Os resultados obtidos revelaram que os personagens com deficiência visual, nas diferentes narrativas, têm elementos em comum – como a presença da bengala, o cão-guia, o uso dos óculos escuros, a condição de viver na escuridão e a facilidade de serem enganados, estando em condições de desvantagem. Foram identificados indícios que todos são brancos, heterossexuais, representados em uma condição binária de gênero, apenas homens e mulheres. Além disso, os homens têm profissões, independente da deficiência, enquanto as mulheres não trabalham devido à cegueira. Os personagens com deficiência e de classe alta têm a deficiência em menor destaque em sua identidade e não são tratados com comiseração. Foi possível notar posicionamentos ideológicos a favor do paradigma de inclusão e discursos críticos à mesma, tendências discursivas voltadas para eliminação das barreiras, aproximando-se do modelo social de deficiência. Também foi perceptível que, nas elaborações discursivas, a deficiência do personagem estava em relevo na construção da sua identidade, assim como, um cuidado e orientação no uso do verbo “ver” quando direcionado aos personagens cegos. A pesquisa ainda revelou que, dos seis escritores, cinco são homens da região sudeste, e apenas uma escritora é mulher da região do nordeste.

Palavras-chave: Deficiência visual. Representação. Literatura.

VIANA, Livia Silva. **A study of visual disability representations in contemporary brazilian literature.** 100 f. Dissertation (Master's degree) – School of Education, Federal University of Bahia. Salvador, 2018.

ABSTRACT

This research is of qualitative nature, and the investigation was inspired by Cultural Studies and Discourse Analysis. It targets to investigate how visually impaired characters are being represented in literature of Brazil's editorial market. With this purpose, six books were selected: *Longe dos olhos*, by Ivan Jaf; *O grande desafio*, by Pedro Bandeira; *O menino sem imaginação*, by Carlos Eduardo Novaes; *Ponto Cego*, by Felipe Colbert; *Surpreendente!*, by Maurício Gomyde; and *Turismo para cegos*, by Tércia Montenegro. This research intended to analyze the narratives, enunciate the representation regimens and identify the books' discursive/ideological filiation around visual disability. The results revealed that the visually impaired characters, in different narratives, share common elements – such as the presence of the cane, guide dog, sunglasses, the condition of living in darkness and the ease of being deceived, being in disadvantage. There were identified hints of all being white, heterosexual, represented in a binary gender condition, only men and women. Besides that, men have jobs, regardless of their disability, whereas women did not work due to their blindness. Upper class disabled characters have their condition in minor highlight about their identity, and are not treated with commiseration. Ideological stands in favor of inclusion paradigm and discourses that were critical to it were noted, such as discursive tendencies regarding elimination of barriers, coming close to the social model of disability. It was also perceptible that, in the discursive elaborations, the character's disability was in eminence in their identity construction, such as a care and orientation in the use of the verb "see" when directed towards blind characters. This research also revealed that, of all six writers, five are males from the southeast region of Brazil, and only one writer is a woman from the northeast region.

Keywords: Visual disability. Representation. Literature.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Triangulação de interconexões de desejos de estudo.....	14
Figura 2. A Parábola dos Cegos.....	34
Figura 3. Sem título	44
Figura 4. Bengala branca	45
Figura 5. Livro <i>Longe dos olhos</i>	62
Figura 6. Livro <i>O menino sem imaginação</i>	63
Figura 7. Livro <i>O grande desafio</i>	65
Figura 8. Livro <i>Ponto cego</i>	66
Figura 9. Livro <i>Surpreendente!</i>	68
Figura 10. Livro <i>Turismo para cegos</i>	69
Figura 11. Personagem Jatobá	73
Figura 12. Personagem Dorinha.....	73
Figura 13. Cão-guia Chip.....	75
Figura 14. Elementos do regime de representação.....	80

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Passagens bíblicas que fazem referência à cegueira.....	27
Tabela 2. Livros com personagens deficientes visuais.	58
Tabela 3. Livros com personagens deficientes visuais, escritos por brasileiros.	59
Tabela 4. Livros com personagens deficientes visuais, escritos por brasileiros e de editoras consolidadas.....	59

LISTA DE SIGLAS

CCCS – Centre for Contemporary Cultural Studies (Centro de Estudos Culturais Contemporâneos)

CERELEPE – Centro de Estudo sobre Recreação, Escolarização e Lazer em Enfermarias Pediátricas

GEINE – Grupo de Pesquisa em Educação Inclusiva e Necessidades Educacionais Especiais

HUPES – Hospital Universitário Professor Edgard Santos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICIDH – Classificação Internacional de Lesão, Deficiência e Handicap

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONG – Organização não Governamental

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

SCIELO – Scientific Electronic Library Online

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ULBRA – Universidade Luterana do Brasil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 A DEFICIÊNCIA VISUAL.....	20
2.1 Conceituando a deficiência visual.....	20
2.1.1 A deficiência visual nas perspectivas do modelo social, modelo médico e na concepção educacional.....	20
2.1.2 A deficiência visual na perspectiva filosófica e popular	24
2.1.3 A deficiência visual na Bíblia.....	26
3 A REPRESENTAÇÃO	36
3.1 Estudo atual do conhecimento sobre a representação de pessoas com deficiência visual na literatura.....	36
3.2 Representação na perspectiva dos Estudos Culturais.....	43
4 A TRILHA QUE CAMINHEI: O PERCURSO DA PESQUISA.....	57
4.1 Contextualização do corpus empírico.....	61
5 ANÁLISES E REFLEXÕES: UMA LEITURA DA DEFICIÊNCIA VISUAL NAS NARRATIVAS	71
5.1 Regimes de representação.....	71
5.2 Questões representacionais transversais: raça, gênero, sexualidade, classe social e outros.....	81
5.3 Filiações discursivas/ideológicas	85
6 CONCLUSÃO.....	94
REFERÊNCIAS.....	97

1 INTRODUÇÃO

O longo caminho percorrido para chegar à temática da presente dissertação, que é o retrato da deficiência visual na literatura brasileira contemporânea, antecede meu ingresso na Universidade Federal da Bahia. O percurso se inicia na infância. Convido você, leitor, a conhecer um pouco dessa minha trajetória.

Por ter pais preocupados com o processo de alfabetização, sempre tive acesso às obras literárias antes mesmo de decodificar qualquer letra; as ilustrações, nesse momento, me seduziam. Com o decorrer dos anos, o encanto só aumentava. Influenciada por um grupo de amigos leitores e professores incentivadores, estabeleci um vínculo positivo com a literatura, que perdurou até os dias atuais.

No meu percurso itinerante, decidi aprofundar meus estudos na área da Educação, realizando, assim, o curso de Pedagogia entre os anos de 2012 a 2016 na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Ao escolher o curso, já existia um desejo: o de atuar na área de Pedagogia Hospitalar.

No segundo semestre do curso, decidi me inscrever no componente Pedagogia Hospitalar, ministrado pela professora Alessandra Santana Soares de Barros, e, a partir dessa decisão, fui convidada a participar do Centro de Estudo sobre Recreação, Escolarização e Lazer em Enfermarias Pediátricas (CERELEPE), que era vinculado ao Grupo de Pesquisa em Educação Inclusiva e Necessidades Educacionais Especiais (GEINE).

Durante seis meses, atuando voluntariamente no CERELEPE, tive como função atuar na Escola Hospitalar do Complexo Hospital Universitário Professor Edgard Santos (HUPES), sob supervisão de outras professoras.

Durante esse período, a professora Alessandra me convidou para participar do seu projeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que tinha por título *Doença e deficiência representadas em livros infantis de língua inglesa: análise transcultural dos sentidos simbólicos na interface dos dois fenômenos*, sendo que meu plano de trabalho seria “Discursos sobre a doença crônica em livros infantis de língua inglesa: há sentido comuns à nossa sociedade?”

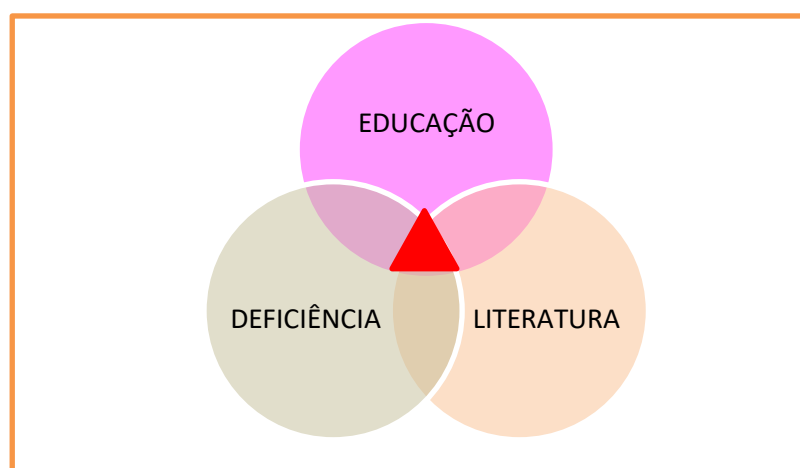
Receber essa proposta foi algo maravilhoso pois, para desenvolver a pesquisa científica, era necessário unir dois elementos que despertavam meu prazer: a literatura e a pedagogia hospitalar. Para compreender se existiam sentidos

comuns à nossa sociedade, era necessário atuar mais de perto nesse universo, e o hospital era uma possibilidade. Após concluir o primeiro ano de PIBIC, fui convidada a continuar no projeto, deslocando o plano de trabalho de doença crônica para deficiência.

A pesquisa foi desenvolvida utilizando a análise de conteúdo que permitiu localizar algumas regularidades, tais como: o personagem no qual se identificava a deficiência era geralmente secundário na trama, assim como as ilustrações contribuíam para a elucidação de mensagens de cunho político, pedagógico e médico; porém, os nomes dos ilustradores geralmente apareciam em fonte menor na capa, ou apenas na ficha catalográfica – concedendo a impressão de que esse profissional está em um lugar menos prestigiado na elaboração da obra. Outro ponto comum nos livros é que estes buscavam representar as pessoas com deficiência de modo mais verossímil possível.

Na ala pediátrica em que a Escola Hospitalar do HUPES tinha maior atuação, existia um público que, em grande maioria, constituía-se em crianças com osteogênese imperfeita¹. Devido a essa doença crônica, muitas tornavam-se deficientes e, a partir desse *start*, passei a ter um interesse mais profundo pelos estudos que envolviam o tripé: educação, deficiências e literatura.

Figura 1. Triangulação de interconexões de desejos de estudo



¹ Doença dos ossos de origem genética, que não permite a produção de colágeno, deixando os ossos extremamente frágeis.

Nessa tríade, tenho consciência de que seria possível incluir o elemento saúde, contudo, meus estudos enveredaram por questões mais sociológicas e antropológicas, me levando a certo distanciamento dessa perspectiva, mas nunca o esquecendo.

Assim, tomei a decisão de que o meu trabalho de conclusão de curso seguiria pelo campo da minha triangulação de desejos de estudos. Realizei alguns recortes para colocá-lo em ação, optando por me debruçar sobre obras literárias do mercado editorial brasileiro e escolhendo, como foco, a deficiência visual, uma vez que essa deficiência é a que mais acomete a nossa população, de acordo com os dados coletados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no censo demográfico de 2010 (BRASIL, 2012).

Minha monografia foi intitulada *O retrato da deficiência visual na literatura infantojuvenil do mercado editorial brasileiro*, e obtive resultados que instigaram a permanecer no mesmo tema de pesquisa para o mestrado, onde me inseri no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da UFBA, na linha de Educação e Diversidade, a qual contempla a Educação Especial e Inclusiva.

Durante o meu amadurecimento enquanto pesquisadora, optei por não categorizar minha pesquisa de mestrado com foco em uma literatura infantil ou infanto-juvenil, pois passei a compreender que, independente do direcionamento mercadológico das obras, elas são, acima de tudo, obras literárias. Contudo, fiz a opção de não me debruçar sobre os textos ilustrados, pelo prazer de exercitar unicamente o texto escrito como meu objeto de análise.

É necessário pontuar que os objetivos dos meus estudos sempre foram voltados para as representações literárias da deficiência visual propriamente dita, como aquela que se encontra nas obras *Golpe de Vista*, de Vilmo José Palaoro; *No beco do sabão*, de Odette de Barros Mott; e *O rapto do garoto de ouro*, de Marcos Rey; e se distanciando, por exemplo, da concepção apresentada no livro *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago.

A opção feita por analisar obras que abordam a cegueira e a baixa visão, desse modo, se deu por questões conceituais: para que fosse possível colocar em relevo como a deficiência está sendo retratada, como ela está compondo o imaginário do leitor, se existem traços de inclusão ou exclusão e tantas outras questões.

Também gostaria de ressaltar que o ato de ler é algo extremamente valorizado em nossa cultura, pois o mundo é centrado na escrita; a sociedade é grafematizada. De acordo com Sylvain Auroux:

Dentre esses suportes transpostos [telefone, rádio e outros], o mais importante é incontestavelmente o **suporte gráfico**, não somente porque ele utiliza a bidimensionalidade do espaço plano, mas ainda porque é o primeiro suporte que permitiu à fala humana subsistir sem a presença de som emissor. (AUROUX, 1998, p. 64, grifo do original)

Esse suporte perpassa nossas vidas de diferentes maneiras desde sua invenção, seja no letreiro dos ônibus, na lista de compras do mercado do mês, na certidão de nascimento, na troca de e-mails, no uso das redes sociais ou nos livros.

Nos ambientes educacionais formais, os livros ocupam um lugar privilegiado e adentram esses espaços em diversos gêneros, sejam eles didáticos, científicos e até mesmo os literários.

O texto literário se faz presente desde a educação infantil, sob a forma de contos de fadas e outros gêneros e perdura até o ensino médio, visto que a literatura compõe os currículos escolares e contribui na formação dos sujeitos, pois ela é capaz difundir valores, ideias, conceitos, gera uma ampliação de conhecimentos de mundo e das experiências culturais, cognitivas e linguísticas.

Pode-se até afirmar que, através da literatura, é possível ter acesso a sentimentos e situações que se distanciam das realidades cotidianas, compreender e “adentrar” em épocas e culturas diferentes. Como afirma Rildo Cosson,

A leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade. Tal fato acontece porque os textos literários guardam palavras e mundos tanto mais verdadeiros quanto mais imaginados, desafiando os discursos prontos da realidade, sobretudo quando se apresentam como verdades únicas e imutáveis. Também porque na literatura encontramos outros caminhos de vida a serem percorridos e possibilidades múltiplas de construir nossas identidades. Não bastasse essa ampliação de horizontes, o exercício de imaginação que a leitura de todo texto literário requer é uma das formas relevantes do leitor assumir a posição de sujeito e só podemos exercer qualquer movimento crítico quando nos reconhecemos como sujeitos. (COSSON, 2014, p. 50)

Na literatura, existem personagens representando todos os tipos humanos, sejam eles altos, baixos, gordos, magros, brancos, negros, asiáticos, cadeirantes, índios, animais, cegos, mulheres, homens, transexuais e outros, e essas representações compõem o imaginário de cada leitor (esteja ele no ambiente escolar, nas bibliotecas, livrarias ou em sua casa).

Dentre essas representações, a presente pesquisa realizada teve como foco colocar em evidência como personagens com deficiência visual vêm sendo retratados nos livros do nosso mercado editorial brasileiro; afinal, as questões que envolvem diferenças, nos últimos anos, tornaram-se centrais na educação, mesmo abordadas de modo marginal, como temas transversais, “esse tema é reconhecido pelo oficialismo, como legítimas questões do *conhecimento*”. (SILVA, 2013, p. 73, grifo do original)

A representação da cegueira, surdez, e outros na literatura não é algo recente. Existem passagens bíblicas onde estes sujeitos eram oportunidades para se revelar o poder de Deus através dos milagres, como, por exemplo, Bartimeu (personagem cego).

A mitologia grega também contém outras representações, como Hefesto (personagem com deficiência física) e Tirésias (personagem cego). Além da Bíblia e da mitologia grega, existem representações nos contos de fadas, como os anões da Branca de Neve e a versão dos irmãos Grimm de Cinderela, onde, no casamento da princesa, suas irmãs têm os olhos arrancados pelos pombos, as deixando cegas. De acordo com Valle e Connor,

[...] em geral, as representações comuns de pessoas com deficiência reforçam as conotações majoritariamente negativas associadas às deficiências [...]. A literatura clássica está repleta de representações das deficiências que confinam os personagens a um número limitado de “tipo”. Noções exageradamente simplificadas do mal são comumente sinalizadas por anormalidades físicas, assim como o conceito de bem é retratado, muitas vezes, pela beleza física [...]. Por exemplo, Shakespeare criou propositalmente a imagem de Ricardo III como um corcunda para atingir o mesmo fim – retratar a corrupção interior por meio da aparência externa. As deficiências também são usadas para caracterizar um desejo vingativo que resulta de uma perda pessoal. Em *Moby Dick*, o fato de ter perdido uma perna lança o capitão Ahab na implacável perseguição da baleia. Similarmente, em *O fantasma da Ópera*, a aparência deformada do protagonista alimenta a sua vingança por ter perdido a vida pública e feliz. (VALLE; CONNOR, 2014, p. 41)

Os exemplos citados demonstram representações da deficiência na literatura, de modo que instigam a refletir se esses estereótipos envolvidos permanecem. Já que os livros são artefatos culturais, formadores de opiniões e disseminadores de valores e socializadores de costumes e morais, compreender o que se tem escrito

sobre a deficiência é de suma importância, em um período que muito se fala em respeito às diferenças e inclusão².

Com base nos dados do IBGE no censo demográfico de 2010, existem no Brasil 23,9% de pessoas com alguma deficiência, e, desse coletivo, 18,6% declaram ter deficiência visual.

Então, diante de todas essas reflexões postas nesse momento inicial, surge a seguinte questão de pesquisa: **Como a deficiência visual está sendo tematizada e representada na literatura disponível no mercado editorial brasileiro?**

Para respondê-la, tem-se como **objetivo geral** investigar como os personagens com deficiência visual estão sendo representados e tematizados na literatura do mercado editorial brasileiro. E, como **objetivos específicos**:

- a) analisar as narrativas presentes em obras literárias do mercado editorial brasileiro que contenham personagens com deficiência visual;
- b) enunciar quais são os *regimes de representação*³ sobre a deficiência visual em obras literárias;
- c) identificar qual a filiação discursiva/ideológica dos livros em torno da deficiência visual

É válido ressaltar que este estudo se torna relevante no campo da educação, pois ele visa contribuir com o trabalho de educadores, bibliotecários, pais e leitores, no sentido de propor uma leitura crítica das representações dadas aos personagens com deficiência, bem como colaborar com a crítica literária.

Para alcançar a resposta da questão de pesquisa e colocar em prática os objetivos traçados, foi necessário realizar também escolhas metodológicas para o desenvolvimento da presente dissertação, que é uma pesquisa qualitativa, do tipo documental, e teve como inspiração a Análise de Discurso.

Seguido dessa introdução, no segundo capítulo da dissertação, apresento o conceito de deficiência visual, dentro das perspectivas do modelo social, do modelo médico, das concepções educacionais, filosóficas, populares e bíblica.

No terceiro capítulo, existem dois momentos. O primeiro é centrado em um estudo atual do conhecimento sobre a representação de pessoas com deficiência na literatura, onde realizei um levantamento de artigos, dissertações e livros que se

² O termo inclusão refere-se ao ato de não excluir. No campo da educação, Maria Teresa Eglér Mantoan (2006) afirma que a inclusão é produto de uma educação plural, democrática e transgressora.

³ Conceito desenvolvido por Stuart Hall (2016) e descrito no 3º capítulo da presente dissertação.

propõem em analisar a temática. Já na segunda parte, apresento uma explanação sobre a representação no campo teórico dos Estudos Culturais.

No quarto capítulo, é apresentado todo o percurso da pesquisa, onde se deixa claro o posicionamento metodológico e uma contextualização do *corpus* empírico, com uma breve síntese de cada livro analisado.

Já no quinto capítulo, são expostos os resultados das análises e reflexões sobre a leitura realizada nas narrativas com personagens com deficiência visual, sendo que existem três eixos norteadores. São eles: regimes de representação; questões representacionais transversais (raça, gênero, sexualidade, classe social e outros); e filiações discursivas/ideológicas.

Por fim, concluo realizando uma breve síntese dos achados da investigação. Ressalto a importância da pesquisa e as contribuições dos resultados em diferentes áreas, também reconheço as limitações da pesquisa e registro algumas sugestões para futuras ampliações da mesma.

2 A DEFICIÊNCIA VISUAL

Para dar início ao presente capítulo, é necessário de antemão conceituar o que é uma pessoa com deficiência. De acordo com a Legislação Brasileira, Artigo 2º da Lei nº 13.146 de 6 de Julho de 2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência),

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual, ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (BRASIL, 2015)

O conceito que é dado tem uma abordagem que contempla o modelo social de deficiência, onde esta não está situada apenas no sujeito, mas também nas relações deste com o meio, que pode conter barreiras, impedindo a participação de modo pleno em sociedade. Dentre as pessoas com deficiência, neste capítulo darei destaque para uma deficiência sensorial, que é a visual.

A deficiência visual na cultura ocidental é compreendida em diferentes concepções, povoa o imaginário social com histórias bíblicas e mitológicas, é relacionada com atos de mendicância, faz parte de diálogos filosóficos, aparece de modo metafórico na linguagem. Desse modo, o presente capítulo irá apresentar diferentes ângulos dessa deficiência sensorial, contemplando o modelo médico, através da legislação, o modelo social, o conceito educacional, concepções filosóficas, populares e uma imersão em um artefato cultural literário.

2.1 Conceituando a deficiência visual

2.1.1 A deficiência visual nas perspectivas do modelo social, modelo médico e na concepção educacional

O conceito de deficiência visual tem algumas abordagens diferentes. No modelo social, ter uma deficiência visual é um modo diferente de viver a vida. O fator biológico associado a questões sociais pouco sensíveis as diferenças é o que gera a incapacidade.

O que irá determinar a trajetória de vida do sujeito com deficiência visual é o meio no qual ele está inserido, bem como se esse meio contribui para sua participação em sociedade de modo igualitário com os demais sujeitos, e não a questão meramente biológica. De acordo com Debora Diniz,

O modelo médico de compreensão da deficiência assim pode catalogar um corpo cego: alguém que não enxerga ou alguém a quem falta a visão – esse é um fato biológico. No entanto, o modelo social da deficiência vai além: a experiência da desigualdade pela cegueira só se manifesta em uma sociedade pouco sensível à diversidade de estilos de vida. (DINIZ, 2007, p. 09)

Para o modelo médico de deficiência, pessoas com deficiência visual são aquelas que têm restrições na participação social devido à redução ou ausência total da visão, tendo por isso uma limitação no modo de percepção do mundo, podendo ser classificada como baixa visão ou cegueira.

Sendo assim, a diferenciação entre o modelo social e o médico é que, para o primeiro, são os sistemas sociais, vinculados a questões biológicas que levam o sujeito a viver a deficiência; e para o segundo, a deficiência é determinada por uma questão apenas biológica.

Desde a década de 1960, teóricos vêm pensando sobre as relações do social com o sujeito com deficiência, de acordo com Diniz (2007), Paul Hunt foi um dos estudiosos precursores.

Um dos pontos abordados por essa perspectiva é que o capitalismo oprime a pessoa com deficiência, mantendo-as em condição de desvantagem, devido a esse corpo não ser tão produtivo/lucrativo.

Outra temática abordada pelo modelo social e que Diniz (2007) pontua, é que o fenômeno de segregação das pessoas com deficiência é algo sociológico e não um fenômeno biológico; e isso se comprovava com os diferentes contextos de pessoas com deficiência em variadas culturas. A autora também evidencia os cinco itens em relação à deficiência e opressão identificados pelo teórico Paul Abberley, são eles:

[...] 1. a ênfase nas origens sociais das lesões; 2. o reconhecimento das desvantagens sociais, econômicas, ambientais e psicológicas provocadas nas pessoas com lesões, bem como a resistência a tais desvantagens; 3. o reconhecimento de que a origem social da lesão e as desvantagens sofridas pelos deficientes são produtos históricos, e não resultado da natureza; 4. o reconhecimento do valor da vida dos deficientes, mas também a crítica à

produção social das lesões e 5. A adoção de uma perspectiva política capaz de garantir justiça aos deficientes. (DINIZ, 2007, p. 27)

No ano de 1980, a Organização Mundial da Saúde (OMS) lançou a *Classificação Internacional de Lesão, Deficiência e Handicap* (ICIDH). Nesse catálogo, cada conceito tinha o seguinte significado:

1. *Lesão*: é qualquer perda ou anormalidade psicológica, fisiológica ou anatômica de estrutura ou função;
2. *Deficiência*: é qualquer restrição ou falta resultante de uma lesão na habilidade de executar uma atividade da maneira ou da forma considerada normal para os seres humanos; e
3. *Handicap*: é a desvantagem individual, resultante de uma lesão ou deficiência, que limita ou dificulta o cumprimento do papel considerado normal. (DINIZ, 2007, p.42)

Para o modelo social, o vocabulário apresentado pela OMS, representava um grande retrocesso, visto que se utilizava do conceito de anormalidade, a deficiência como uma questão médica e uma questão individual do sujeito com deficiência, e o conjunto desses conceitos gerava uma vinculação entre a deficiência e doença. Esse momento permitiu um fortalecimento intelectual do modelo social para alcançar uma revisão do ICIDH, o que foi uma grande conquista.

É importante pontuar que o modelo social teve duas gerações. A primeira, que já foi aqui descrita, tinha um grupo de teóricos do gênero masculino e teve como característica ampliar a compreensão de deficiência para além da perspectiva médica, evidenciar o capitalismo como uma ideologia que colabora para opressão das pessoas com deficiência e fortalecer o desenvolvimento científico no campo das humanidades.

Além disso, eles tinham o ideal que as desvantagens vivenciadas pelas pessoas com deficiência eram mais fruto das barreiras na sociedade do que das lesões; assim sendo, com a eliminação das barreiras, as pessoas com deficiência seriam independentes.

Já a segunda geração do modelo social foi composta por teóricas feministas, que evidenciaram assuntos marginalizados e até mesmo esquecidos na primeira geração, como as cuidadoras, a dependência e a interdependência das pessoas com deficiência, bem como a deficiência devido à velhice e às doenças crônicas, e outros estigmas que podem dialogar com a deficiência, como a “raça, gênero, orientação sexual e idade”. (DINIZ, 2007, p. 61)

Mesmo com toda a repercussão do modelo social, nas leis brasileiras ainda existe uma maior predominância do modelo médico na elaboração das mesmas. Um exemplo disso é o Decreto nº 5.296 de 2 de Dezembro de 2004, que conceitua a deficiência visual do seguinte modo:

Cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60°; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores. (BRASIL, 2004)

A baixa visão citada no decreto também pode ser chamada de “visão subnormal” ou “visão residual”. Martín e Ramírez (2010) afirmam que, geralmente, pessoas com baixa visão têm dificuldades em notar alguns elementos visuais, como profundidade, movimento, representações tridimensionais e outros.

A definição dada pela legislação prevalece para a liberação de aposentadorias, acesso ao sistema de cotas em universidades, empregos e outros benefícios.

É válido ressaltar que a deficiência visual tem origens diversas, seja no período pré-natal (durante a gestação), perinatal (no momento do parto) ou pós-natal (após o nascimento), podendo também ser congênita ou adquirida, através de doenças como diabetes, catarata e outras.

Maria Lúcia Amiralian (1997) diz que o conceito médico é importante, porém proporciona uma visão cartesiana da pessoa com deficiência visual, impedindo uma compreensão holística a seu respeito – ou seja, não se tem um entendimento integral do sujeito.

A definição da deficiência visual dada na perspectiva oftalmológica, o que indica a deficiência ou não, é a acuidade visual. Contudo, Amiralian (1997) chama a atenção para observações que notaram pessoas com cegueira e acuidade visuais iguais, e que tinham deficiências visuais diferentes. Então, a partir desse fato, surgiu o conceito educacional da deficiência visual, fundamentada não pela acuidade, e sim, pela eficiência visual.

A definição educacional diz que são cegas as crianças que não têm visão suficiente para aprender a ler em tinta, e necessitam, portanto, utilizar outros sentidos (tátil, auditivo, olfativo, gustativo e cinestésico) no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. O acesso à leitura e escrita

dar-se-á pelo sistema braille. [...] As crianças com baixa visão (anteriormente denominada visão parcial ou visão subnormal) são as que utilizam seu pequeno potencial visual para explorar o ambiente, conhecer o mundo e aprender a ler e escrever. (BRASIL, 2006, p.13)

É necessário destacar que o sistema de acesso à leitura e a escrita são critérios determinantes para classificar a pessoa com deficiência visual na perspectiva educacional (MARTÍN; RAMÍREZ, 2010), sendo que “cegos” são aqueles que não têm resíduo visual o bastante para ler em tinta, e “baixa visão”, aqueles que conseguem ter acesso a leitura em tinta, com o uso ou não de lentes e outros instrumentos.

Sendo assim, é possível observar uma modificação entre o conceito médico e o educacional. No primeiro, quem determina é o médico, no segundo, quem determina é o comportamento visual da pessoa com a deficiência (AMIRALIAN, 1997).

2.1.2 A deficiência visual na perspectiva filosófica e popular

Entre os filósofos, a cegueira geralmente está relacionada com o não conhecer. Jaime Ginzburg (2004) afirma que a caverna de Platão, assim como passagens bíblicas deixaram um legado na tradição sobre a importância da visão, e como ela permite o acesso à verdade e ao conhecimento.

Sean Gaston (2012) diz que no livro *A República*, escrito por Platão, no diálogo socrático, existe uma associação entre a opinião à “escuridão da ignorância”, com a cegueira. Amiralian (1997, p. 24) afirma que “Sócrates, em Fédon, descreve a cegueira como a perda do olho da mente”. Nesses conceitos, é perceptível uma perspectiva simbólica e metafórica da cegueira, que compõe e se perpetua no imaginário social e demarca o quanto a sociedade, desde a Antiguidade, é visocentrista.

Já o filósofo Aristóteles, ao estabelecer uma hierarquia entre os órgãos dos sentidos, afirmava que a visão era o mais desenvolvido e necessário para a vida (WINZER apud MARTINS, 2006). Platão (2000, p. 204) também evidencia a valorização do órgão:“- Porventura refletiste como o demiurgo que fez os sentidos, modelou com muito mais esmero a faculdade de ver e ser visto?”.

A linguagem, de forma equivalente, também perpetua os ideais filosóficos em volta da visão, vinculados com o saber/conhecer, por exemplo: “O que os olhos não veem, o coração não sente”.

Também coloca em evidência a valorização da visão, com expressões como: “fica de olho”, “que olhar poderoso”, “amor à primeira vista”, “homem de visão”. A linguagem, por ser um sistema que informa sentimentos, pensamentos e ideias a partir de signos, coloca em relevo o poder cultural em torno do tema, regulamentando identidades e criando concepções sociais.

Bruno Martins (2006) afirma que vivemos em um contexto social no qual os discursos em volta da cegueira são elaborados por pessoas sem a deficiência, ou seja, as narrativas das pessoas cegas são silenciadas em nosso meio, e que, devido aos processos culturais construídos historicamente, existem concepções da cegueira como “signo de infortúnio, incapacidade, improdutividade, dependência, vulnerabilidade, ignorância, alienação e reclusão no mundo das trevas”. (MARTINS, 2006, p. 27)

Nas concepções populares, de modo generalista, pessoas com deficiência visual (mais especificamente, os cegos) são evocados de modo contraditório. Alguns vinculam a imagem do cego com o ato de mendicância, com indefesos; outros os tratam como seres humanos com poderes sobrenaturais, adivinhos. Amiralian diz que:

Os cegos eram concebidos e descritos, nas histórias cotidianas, como pobres, indefesos, inúteis e desajustados [...] Por outro lado, há também a visão do cego possuidor de *insights* e poderes sobrenaturais. Existe a ideia comum do sexto sentido dos cegos [...] Há também a consideração dos cegos como seres extrema e pateticamente bons, moralmente superiores aos videntes, por estarem isentos da superficialidade do mundo visual; ou então, ao contrário, como sujeitos protótipos da maldade e imoralidade. (AMIRALIAN, 1997, p. 23)

Existe, também, a concepção de que os cegos são sujeitos misteriosos. Isso se atribui a esses não usarem o olhar como uma forma de comunicação; então, por não utilizarem desse elemento, cria-se esse estereótipo.

É necessário ressaltar que esses ideais sociais reverberam durante séculos. Por exemplo, Lucia Helena Reily afirma que:

A tradição iconográfica da figura do deficiente mendigo, pedinte é construída no contexto religioso, na Idade Média e no Renascimento, mas

reaparece em obras do século XVIII, XIX, e XX, já desvinculada de sentidos religiosos. (REILY, 2012, p. 345)

Ou seja, existe uma herança religiosa medieval em nossas concepções atuais de deficiência.

2.1.3 A deficiência visual na Bíblia

No Brasil, quando pesquisadores se propõem a escrever sobre pessoas com deficiência, as monografias, dissertações e teses geralmente fazem um traçado histórico, perpassando pelos períodos de extermínio, exclusão, integração até a inclusão, sendo muito didáticas e concedendo um panorama geral.

Contudo, quando se faz um apanhado histórico de algum fenômeno, de uma cultura ou de sujeitos, corre-se um grande risco de cair no reducionismo. E, de acordo com Reily (2009), não são poucas as monografias, dissertações e teses voltadas para o campo de estudo sobre pessoas com deficiências na Idade Média, que repetem discursos semelhantes. Acredito que isso não acontece apenas nesse momento histórico; transcende também em outros períodos.

Geralmente, os pesquisadores sentem a necessidade de se arvorar pela história para contextualizar o leitor, e acabam recorrendo a fontes históricas não primárias.

Essas ações podem ser justificadas pelo fato de os pesquisadores terem acesso facilitado a referenciais teóricos e documentos do governo que narram o percurso histórico, devido à dificuldade de acessar as fontes primárias. Então, as narrativas científicas acabam abordando perspectivas únicas.

De antemão, deixo claro que não tenho objetivo de diminuir pesquisadores que fazem essa escolha. Porém, não sinto a necessidade de realizar o mesmo no meu texto, pois acredito que escrever um percurso histórico entre séculos em uma dissertação irá gerar uma produção rasa.

Contudo, é necessária uma imersão no passado da cultura ocidental, para que se venha compreender os múltiplos significados dados as representações da deficiência visual nos livros que essa pesquisa se propõe a investigar. Para tanto, tenho como sugestão apresentar ao leitor como a pessoa com deficiência visual é retratada em uma obra difundida na nossa cultura ocidental: o texto bíblico.

Dentre os artefatos culturais, a Bíblia é uma das heranças judaico-cristã mais doutrinantes do mundo ocidental, sendo amplamente divulgada, traduzida e lida,

considerada pelo Guinness World Records⁴ como o livro mais vendido e distribuído do mundo, um verdadeiro clássico.

A Bíblia é composta por uma coleção de livros de caráter religioso, difundido pelo Cristianismo. E assim como Martins (2006, p. 39), “para um olhar sobre a história ocidental da cegueira, entendo como ponto de partida central uma interpretação do texto bíblico”.

Ao me debruçar sobre os 73 livros que compõem a Bíblia, que englobam o Antigo e o Novo Testamento, localizei referências à cegueira em 30 livros, sendo representada em 69 passagens diferentes. Estas contemplam a cegueira como uma punição ou castigo divino, como metáfora, como consequência da velhice, entre outros modos. As passagens são as seguintes:

Tabela 1: Passagens bíblicas⁵ que fazem referência à cegueira

PASSAGENS BÍBLICAS	
Gêneses 19:11	Isaías 59:10
Êxodo 4:10-12	Jeremias 31:8
Êxodo 21:26	Jeremias 39:7
Êxodo 23:8	Jeremias 52:11
Levítico 19:14	Lamentações 4:14
Levítico 21:16-24	Baruc 6:36
Levítico 22:22	Sofonias 1:17
Números 16:14	Zacarias 12:4
Deuteronômio 15:21	Malaquias 1:8
Deuteronômio 16:19-20	Mateus 9:27-31
Deuteronômio 27:18	Mateus 11:5
Deuteronômio 28:28-29	Mateus 12:22
1Samuel 4:15	Mateus 15:14
2Samuel 5:6-8	Mateus 15:30-31
1Reis 14:4	Mateus 20:29-34
2Reis 6:18-20	Mateus 21:14

⁴ Disponível em: <<http://www.guinnessworldrecords.com/world-records/best-selling-book-of-non-fiction>> Acesso: 12 de jun de 2017

⁵ Algumas passagens são repetidas em diferentes livros da Bíblia e até mesmo em um mesmo livro.

Tobias 11:7-14	Mateus 23:16-27
Tobias 5:10	Marcos 8:22-26
Tobias 2:10	Marcos 10:46-52
Tobias 3:16-17	Lucas 4:18-19
Tobias 7:6	Lucas 6:39-41
Tobias 12:2	Lucas 7:20-22
Jó 29:11-16	Lucas 14:12-22
Salmos 146 (145):8	Lucas 18:35-43
Sabedoria 2:21	João 5:3
Sabedoria 19:17	João 9:1-41
Eclesiástico 20:29	João 10:21
Isaías 29:9	João 11:37
Isaías 29:18	João 12:40
Isaías 35:5	Atos dos Apóstolos 13:11
Isaías 42:7	Romanos 2:19
Isaías 42:16	2Pedro 1:9
Isaías 42:18-20	1João 2:11
Isaías 43:8	Apocalipse 3:17
Isaías 56:10	

Fonte: Autoria própria

No Antigo Testamento, que inicia em Gêneses e se finda no livro de Malaquias, existe uma ambiguidade no tratamento dado às pessoas com cegueira: ao mesmo tempo em que o cego é excluído do culto a Deus, ou a cegueira vem como uma materialização do castigo divino, o cego também é abordado como um sujeito que merece cuidado e proteção.

No primeiro livro da Bíblia, já existe referência à cegueira: ela recai como uma punição divina aos homens que tentavam ter relações com anjos que estavam na casa de Ló em Sodoma (BÍBLIA, Gêneses, 19:11).

Em Deuteronômio, Moisés, no deserto, fala ao povo de Israel sobre a fidelidade a Deus e a desgraça que recai sobre aquele que for infiel. Em 28:28, se diz: “Javé ferirá você com loucura, cegueira e demência.” Mas, em 27:18, Moisés diz que “Maldito seja quem extravia um cego no caminho”, assim como em Levítico,

19:14, “Não amaldiçoe o mudo, nem coloque obstáculos diante do cego: tema o seu Deus. Eu sou Javé”.

Como é possível notar, existe uma relação dupla: o homem que peca deve ser privado da visão, mas esse ao não ter o sentido da visão, os homens que enxergam devem ter cuidado com o mesmo, para que não venham sofrer com a ira divina.

Já em Jeremias, existem duas passagens iguais (39:7 e 52:11) onde a cegueira aparece como castigo e um ato de vingança realizada por homens, e não ocasionada por Deus. E, no mesmo livro, no capítulo 31, onde Deus fala a Jeremias como será quando ele voltar, nos versículos 8-9, se diz: “Eu vou trazê-los de volta lá do país do Norte, vou ajuntá-los das extremidades da terra. No meio deles estarão o cego e o aleijado, a mulher grávida junto com aquele que deu à luz, todos juntos: é uma grande assembleia de retorno”. Ou seja, Deus tem o cuidado de não abandonar a pessoa com deficiência.

Contudo, a exclusão das pessoas com deficiência do culto a Deus também é abordada no Antigo Testamento.

Javé falou a Moisés: “Diga a Aarão: Nenhum de seus descendentes, nas futuras gerações, se tiver algum defeito corporal, poderá oferecer o alimento do seu Deus. Não poderá apresentar-se ninguém defeituoso, que seja cego, coxo, atrofiado, deformado, que tenha perna ou braço fraturado, que seja corcunda, anão, que tenha defeito nos olhos ou catarata, que tenha pragas pustulentas, ou que seja eunuco. Nenhum dos descendentes do sacerdote Aarão se apresente, com algum defeito, para apresentar ofertas queimadas a Javé. É que tem defeito e, por isso, não se apresentará para oferecer o alimento do seu Deus. Ele poderá comer das porções sagradas e santíssimas, mas não ultrapassará o véu, nem se aproximará do altar: ele tem defeito corporal, e não deverá profanar as minhas coisas sagradas, porque eu sou Javé, que as santifico. Moisés falou tudo isso a Aarão e seus filhos, e a todos os filhos de Israel”. (BÍBLIA, Levítico, 21:16-24)

Nesse trecho, existe um detalhamento de quem deve ser excluído do culto, e dentre esses não está somente o cego, mas também “coxos”, “atrofiados”, “deformados”, “corcundas”, anões e outros.

Esse discurso é segregador, excludente, opressor, discriminatório, repressivo e degradante para com a pessoa com deficiência. E está em um artefato cultural que vem trazendo uma compreensão simbólica em torno da deficiência no ocidente que é perpetuada há séculos.

É necessário pontuar que esse discurso está presente em um artefato doutrinador e, por consequência, muitas pessoas acreditam que se deve excluir pessoas com deficiência de alguns momentos de culto a Deus.

Esse trecho bíblico é tão incisivo que influenciou a elaboração de um cânon no Código de Direito Canônico de 1917, que é um conjunto de normas do direito canônico da Igreja Católica, promulgado pelo Papa Bento XV.

Prado (2006) afirma que o cânon 984 abordava que o ministério sacerdotal não poderia ser dado a pessoas com diversos tipos de deficiência, ou qualquer outra irregularidade. Devido a isso, muitos candidatos a serem sacerdotes submeteram-se a exigentes processos para receberem a liberação para alcançar o sacramento da ordem.

Mas, em 1983, o Papa João Paulo II promulgou um novo Código que retirou o cânon 984, e apresentou no Capítulo II, Art. 3 (“Das irregularidades e outros impedimentos”), diversos motivos pelos quais homens não poderiam praticar o sacerdócio – mas nenhum deles fazem referências as pessoas com deficiência. Apenas o cânon 930 esclarece que:

Cân. 930 — §2 O sacerdote cego ou que padeça de qualquer outra enfermidade celebra licitamente o Sacrifício eucarístico utilizando qualquer texto dos aprovados para a Missa, e assistido, se o caso o requerer, por outro sacerdote, ou por um diácono, ou mesmo por um leigo devidamente industriado, que o auxilie. (CANONICI, 1983, p.167)

Portanto, devido a uma passagem bíblica, por 66 anos uma lei impediu que pessoas com deficiência ocupassem um cargo na Igreja Católica Apostólica Romana.

Martins (2006), ao realizar uma análise dessa mesma passagem, também chama atenção para o momento em que se diz “Ele poderá comer das porções sagradas e santíssimas, mas não ultrapassará o véu, nem se aproximará do altar” (BÍBLIA, Levítico, 21:22-23). Martins (2006) afirma que embora a pessoa com deficiência possa comer do pão do Senhor, ela é excluída de uma relação mais próxima com Deus, e essa distância é demarcada pela proibição de ultrapassar o véu – que significa a separação entre o santuário e o lugar do Santíssimo.

Existem também outras passagens de exclusão do culto a Deus, como em Deuteronômio, capítulo 15, onde Moisés fala que todo animal macho, primogênito, proveniente de vacas ou ovelhas, deve ser consagrado a Deus; contudo, “se o

primogênito tiver algum defeito – se for manco ou cego, ou tiver algum outro defeito grave –, não o sacrifique a Javé seu Deus” (BÍBLIA, Deuteronômio, 15:21). Em Malaquias, também é abordada a questão com os animais cegos, “coxos” e doentes:

Vocês colocam no meu altar alimento impuro, e ainda perguntam: Como foi que te profanamos? Vocês acham que a mesa de Javé é desprezível, que trazer um animal cego para oferecer em sacrifício não é um mal, que trazer um animal coxo ou doente também não é um mal? Ofereçam uma coisa dessas ao governador de vocês: acham que ele vai aceitar e ficar agradecido? – diz Javé dos exércitos. (Malaquias 1, 7 – 8)

Nesses trechos, os animais são tratados como inferiores por terem uma deficiência ou doença. Assim, é possível elaborar uma justificativa para a existência da marginalização das pessoas com deficiência em nosso meio cultural.

Martins (2006, p. 40), no decorrer da análise do Antigo Testamento, diz que “os dados até aqui considerados permitem supor que a marginalização do ritual religioso sancionaria uma marginalização social mais ampla das pessoas cegas e portadoras de outras condições”. Então, é possível afirmar que existem consequências negativas para os sujeitos que são contemplados por esses trechos bíblicos, pois se criaram concepções, estigmas que reverberam socialmente.

No Antigo Testamento, também existem passagens que demonstram que a deficiência é atribuída como uma vontade de Deus (Martins, 2006). É Deus quem determina quem terá ou não a visão, é o autor da deficiência; como em Êxodo, 4:11, “Javé replicou: Quem o torna mudo ou surdo? Capaz de ver ou cego? Não sou eu, Javé?”.

Em Êxodo, também existe uma passagem que se diferencia de todas as outras na Bíblia, ao falar sobre a legislação do povo de Deus, e sobre os ferimentos não mortais. Em 21:26, diz-se que: “Se alguém ferir o olho de seu escravo ou escrava, e o cegar, dará liberdade ao escravo em troca do olho”. Nesse trecho, a cegueira traz uma recompensa àquele que é acometido por ela, e é o único trecho bíblico que apresenta um benefício em se ter tornado cego.

Além dessas representações da cegueira, existem na Bíblia passagens em que ela é ocasionada devido a uma questão orgânica, que é a velhice, como em 1Samuel, 4:15: “Ora, Eli estava com noventa e oito anos; tinha os olhos imóveis e não podia mais enxergar”, e em 1Reis, 14:4: “A mulher de Jeroboão assim fez. Foi

para Silo e se apresentou na casa de Aías. Ora, Aías estava quase cego e tinha os olhos meio apagados por causa da velhice”.

No Antigo Testamento, existem também muitas passagens que utilizam da cegueira como metáfora. A metáfora é uma figura de linguagem que permite a substituição de uma palavra por outra, através de uma relação de analogia. Como exemplo, temos: Êxodo, 23:8, “Não aceite suborno, porque o suborno cega quem tem os olhos abertos e perverte até as palavras dos justos” e Isaías, 56:10, “Os guardas estão cegos e nada percebem, são cachorros mudos incapazes de latir, sonham deitados e o seu prazer é dormir”. A metáfora com a cegueira não está presente apenas na Bíblia, está cotidianamente na linguagem verbal na cultura ocidental e em diversas obras literárias.

Ainda foi observado que o Antigo Testamento contém passagens onde se afirma que Deus tem o poder de curar pessoas com deficiência, como em Salmos 146:8: “Javé abre os olhos dos cegos. Javé endireita os encurvados. Javé ama os justos” e em Isaías, 29:18: “Nesse dia, os surdos ouvirão, as palavras do livro; e os olhos dos cegos, libertos da escuridão e das trevas, tornarão a ver”. Porém, poucas são as passagens que relatam o momento em que a cura de fato é realizada no Antigo Testamento.

Já no Novo Testamento, as passagens que narram o ato de cura da cegueira são mais frequentes. O primeiro milagre com um cego nesta parte da Bíblia é em Mateus:

Quando Jesus saiu dali, dois cegos o seguiram, gritando: “Tem de piedade de nós, filho de Davi.” Jesus chegou em casa, e os cegos se aproximaram dele. Então Jesus perguntou: “Vocês acreditam que posso fazer isso?” Eles responderam: “Sim, Senhor.” Então Jesus tocou os olhos deles, dizendo: “Que aconteça conforme vocês acreditaram.” E os olhos deles se abriram. Então Jesus lhes ordenou: “Tomem cuidado para que ninguém fique sabendo.” Mas eles saíram e espalharam a notícia por toda aquela região. (BÍBLIA, Mateus, 9:27-31)

Nas passagens de cura aos cegos, leprosos e outros, realizadas por Jesus, é possível identificar que existe uma reafirmação de suas características de bondade, compaixão e caridade, também é evidenciado o poder que ele detém como filho de Deus. como em Mateus, capítulo 11: 2 – 6:

João estava na prisão. Quando ouviu falar das obras do Messias, enviou a ele alguns discípulos, para lhe perguntarem: “És tu aquele que há de vir, ou

devemos esperar outro?” Jesus respondeu: “Voltem e contem a João o que vocês estão ouvindo e vendo: os cegos recuperaram a vista, os paralíticos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciada a Boa Notícia. E feliz aquele que não se escandaliza por causa de mim!”. (BÍBLIA, Mateus, 11:2-6)

Martins (2006) elencou três pontos em relação às inúmeras curas realizadas em pessoas com deficiência por Jesus. O primeiro diz respeito aos eventos extraordinários que afirmam o caráter sobre-humano de Jesus; o segundo é a proximidade do divino com o considerado impuro; e o terceiro é a transformação que Jesus almeja trazer à humanidade.

No Novo Testamento, inclusive, é possível identificar alguns estereótipos em torno da cegueira, como na passagem de Mateus, 12:22, onde levam a Jesus uma pessoa dita endemoninhada que é cega e muda, e após a cura, a mesma volta a enxergar e falar. Então, a partir disso, existe uma elaboração social que pessoas que não falam e não veem estão com um espírito maligno no corpo.

Essa concepção foi fortemente vivenciada no período da Idade Média. Um bom exemplo para compreender o que se passava na época é o romance de Victor Hugo, *O corcunda de Notre-Dame*, publicado no ano de 1831, ou a animação da obra, *The Hunchback of Notre Dame*, lançada pela Walt Disney Pictures em 1996. A narrativa se passa no ano de 1482, já na baixa Idade Média em Paris, mas, ainda assim, é um bom artefato cultural para entender como pessoas com deficiência eram vistas no período.

Também existem passagens em que os cegos são mendigos, como em Marcos, 10:46-52, que se repete em Lucas, 18:35-43. Outra passagem bastante significativa é a de João, 9:1-8.

Ao passar, Jesus viu um cego de nascença. Os discípulos perguntaram: “Mestre, quem foi que pecou, para que ele nascesse cego? Foi ele ou seus pais?” Jesus respondeu: “Não foi ele que pecou, nem seus pais, mas ele é cego para que nele se manifestem as obras de Deus. Nós temos que realizar as obras daquele que me enviou, enquanto é dia. Está chegando a noite e ninguém poderá trabalhar. Enquanto estou no mundo, eu sou a luz do mundo.” Dizendo isso, Jesus cuspiu no chão, fez barro com a saliva e com o barro ungiu os olhos do cego. E disse: “Vá se lavar na piscina de Siloé.” (Esta palavra quer dizer “O Enviado”). O cego foi, lavou-se, e voltou enxergando. Os vizinhos e os que costumavam ver o cego, pois ele era mendigo, perguntavam: “Não é ele que fica sentado, pedindo esmola?” (BÍBLIA, João, 9:1-8)

De acordo com Martins (2006), a representação do ato de mendicância pelos cegos na Bíblia reforça a ideia de marginalização social desses sujeitos. Outro elemento que a passagem citada apresenta: na concepção do período, as pessoas entendiam que pessoas com deficiência eram acometidas pelo “infortúnio” devido a algum pecado, que poderia ter sido cometido pelos pais, antepassados ou pela própria pessoa com deficiência.

Outra passagem que aborda essa questão se encontra no livro de Tobias, 3:3. Mas Jesus realiza uma transgressão em relação ao véu de separação entre as pessoas com deficiência, abordado no Antigo Testamento em Levítico, 21:16-24, já apresentados anteriormente. Nessa passagem, o sujeito com deficiência não é necessariamente um impuro, ele na verdade é um instrumento para que as obras de Deus sejam realizadas.

Além disso, na Bíblia, existem passagens que vinculam a cegueira como um infortúnio que acompanha uma condição de tristeza. Em Tobias, 5:10, se diz: “O anjo disse: Desejo-lhe muita alegria. Tobit respondeu: Que alegria ainda posso ter? Sou cego, não enxergo a luz do dia, vivo na escuridão com os mortos, que já não enxergam a luz do dia.”

Outro ponto que é necessário ressaltar é que a Bíblia contribui de modo singular para a história da arte. Ela foi fonte de inspiração para muitos artistas, como Leonardo da Vinci, Michelangelo e Pieter Bruegel.

No Novo Testamento, existe uma passagem de Mateus, 15:14, que se repete com pequenas diferenças em Lucas, 6:39, que inspirou o artista Pieter Bruegel a pintar a obra “A Parábola dos Cegos”, concluída no ano de 1568, que atualmente compõe o acervo do Museu de Capodimonte, na Itália.

Figura 2. A Parábola dos Cegos



Fonte: Arte Médica. Disponível em:

<<http://medicineisart.blogspot.com.br/2010/08/parabola-dos-cegos-de-pieter-bruegel.html>>

Acesso em: 25 de set. 2017.

Reily (2012), ao falar sobre representações de deficiência em pinturas de temática religiosa, faz a seguinte reflexão da obra:

No quadro “A parábola dos cegos”, seis pessoas cegas caminham em fila, orientando-se pelos que vão à frente. O primeiro da fila já despencou para dentro do buraco, e os outros estão prestes a ter o mesmo fim. Trata-se da representação da parábola de Cristo (daí o título) segundo São Mateus: “Se um cego guiar outro cego, ambos cairão na cova” (Mateus, 15:14). Na parábola, Cristo trabalha com uma metáfora para a condição espiritual: aquele que não quer ver, que não seguir a palavra de Deus, é como se fosse um cego. Segundo explicações de Bosing (1991), Bruegel faz uma analogia visual da descida para o inferno, como consequência de não seguir o bom caminho; o caminho da luz. Em Bruegel, esta idéia é representada pela linha ondulante dos seis cegos; na expressão do segundo cego, vemos o pavor daquele que está prestes a cair. Ao fundo, a solidez e a força da igreja fazem contraste, representando a fé que conduz à verdadeira visão. (REILY, 2012, p. 352)

A metáfora apontada pela citação é frequentemente retratada na Bíblia, e, geralmente, existem associações do mundo das trevas, escuridão, cegueira, com algo ruim – já o inverso, que é a luz, claridade, compactua com o bom caminho apresentado por Deus.

Após a imersão nesse artefato da cultura judaico-cristã, que se encontra tão difundido no mundo ocidental, é possível identificar uma pluralidade de representações envolvendo pessoas com a cegueira, e esse modo de retratar constrói imaginários sociais, identidades, valores, determina posições sociais, quem é incluído e quem é excluído. De acordo com Martins,

Na verdade, a Bíblia suporta valores e interpretações passíveis de legitimar diversos modos de agir e pensar as pessoas cegas. O que é inegável é que podemos encontrar neste contexto e nas suas heranças para o porvir, a sede de representações que viriam a interagir, debater-se e consolidar-se, ao longo dos séculos, permeando, não sem contradição, as vivências das pessoas cegas e portadoras de outras deficiências. (MARTINS, 2006, p. 47)

É válido ainda destacar que, nesse artefato, não vemos passagens abordando a baixa visão. Existem, até, referências à miopia; contudo a baixa visão é um conceito mais recente.

3 A REPRESENTAÇÃO

O presente capítulo tem como proposta abordar outro conceito chave da dissertação: a representação. Inicialmente, o capítulo apresentará um estudo atual do conhecimento sobre a representação de pessoas com deficiência visual na literatura; no entanto, é necessário esclarecer que algumas pesquisas não contemplam apenas a deficiência visual, mas também outras deficiências, como surdez, deficiência física e intelectual. Então, passearemos de modo sutil por essas representações, por consequência. Em seguida, será feita uma abordagem sobre a representação na perspectiva dos Estudos Culturais, o qual é o caminho teórico que tenho como inspiração para as análises das obras da minha investigação.

É necessário pontuar, primeiramente, que percebo o mundo real como uma construção social, e que essa construção está intimamente vinculada à literatura, a mídia, as imagens e outros elementos que são instrumentos representacionais.

3.1 Estudo atual do conhecimento sobre a representação de pessoas com deficiência visual na literatura

Ao ser realizado um levantamento sobre trabalhos científicos que trazem uma abordagem sobre a representação da deficiência visual na literatura, no Banco de Teses e Dissertações da Capes, no Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e no Repositório Institucional da Universidade Federal da Bahia, com as palavras-chave: “a deficiência visual na literatura”; “a cegueira na literatura”; “personagens com deficiência” e “representação das deficiências”, foram localizadas dissertações e artigos que faziam aproximação direta com a temática da presente pesquisa.

Além dos artigos e dissertações encontrados na revisão de literatura realizada, outros pesquisadores foram encontrados, como Jacob Twersky (1955), pesquisador com deficiência visual.

O autor dividiu sua investigação sobre a representação de pessoas com deficiência visual na literatura em quatro períodos. O primeiro contempla desde o Velho Testamento até as obras lançadas no ano de 1784; o segundo é de 1784 (que abarca o início da primeira escola para cegos em Paris, fundada por Valentin Haüy) até o ano de 1873 (que é um momento de ampliação do sistema braille); o terceiro, de 1873 a 1914 (que é um tempo de iniciação dos programas de reabilitação para

soldados cegos americanos); e o último é de 1914 até a publicação da pesquisa, que foi no ano de 1955.

Twersky (1955) buscou verificar se a literatura revelava uma evolução para com o trato dado aos deficientes visuais no percurso histórico, algo que, no fim de sua pesquisa, foi identificado – apesar de serem progressos relativamente leves. Além disso, o mesmo afirma que a primeira civilização a representar personagens com cegueira foi a população hebraica.

Outra autora que escreveu sobre a temática foi Deborah Kent (1989). Ao pesquisar sobre a cegueira na literatura, ela pontuou que geralmente as representações das pessoas com deficiência visual recaem nas características de impotência, miserabilidade e pouca contribuição para a sociedade. No desenvolvimento da pesquisa, a autora cita Michael Monbeck (1973), que elencou os estereótipos mais frequentes presentes na literatura que retratam a cegueira.

In his study, *The Meaning of Blindness* (1973), Michael Monbeck identifies 15 traits frequently ascribed to blind characters in literature through the ages. Nearly all these traits are negative, reflecting the low social status blind people are usually accorded. These fictional blind characters are miserable, helpless, useless, maladjusted, mysterious, evil, or pitiful. They may be fools or beggars. On the one hand, they live in a terrifying, death-like world of darkness, are being punished for past sins (often sexual in nature), and are to be feared and avoided. On the other hand, they may possess superhuman powers and insights, to compensate for their blindness, or they are morally superior to sighted people because they are not tarnished by the shallowness of the visual world. (MONBECK, 1973, p. 25 *apud* KENT, 1989)⁶

Além dos pontos abordados por Monbeck (1973), a autora Deborah Kent (1989) acrescenta que outras questões podem ser incorporadas, como as representações em que cegos são sujeitos assexuados ou não são permitidos expressar a sexualidade por causa da deficiência; em que eles são alegres, mas na verdade estão escondendo uma depressão; em que a cegueira vem de um castigo divino; e em que a cegueira pode ser compensada com dons.

⁶ Em seu estudo, *O Sentido da Cegueira* (1973), Michael Monbeck identifica 15 traços frequentemente atribuídos à personagens cegos na literatura ao longo do tempo. Quase todos esses traços são negativos, refletindo o baixo *status* social que é concedido às pessoas cegas. Os personagens ficcionais cegos são geralmente miseráveis, desamparados, inúteis, mal ajustados, misteriosos, maus ou dignos de pena. Eles podem ser tolos ou mendigos. Por um lado, eles vivem em um amedrontador mundo das trevas, estão sendo punidos por pecados do passado (muitas vezes de natureza sexual), e são temidos ou evitados. Por outro, eles podem possuir poderes sobre-humanos e clarividência, para compensar sua cegueira, ou são moralmente superiores às pessoas que enxergaram porque eles não são manchados pelas sombras do mundo visual. (MONBECK, 1973, p. 25 *apud*, KENT, 1989, tradução nossa)

Sobre o elemento da sexualidade, Kent (1989) pontua que ocorre uma mudança no modo de representar personagens com deficiência visual nos autores contemporâneos: eles abordam a sexualidade dos personagens cegos como algo extraordinário e aflorado, e eles se tornam corpos desejáveis.

Ela também afirma que os escritores escolhem retratar a cegueira com muito mais frequência do que qualquer outra deficiência, principalmente porque ela é também um elemento rico de metáfora. E que, na contemporaneidade, as representações de cegos como sujeitos ruins, maus, praticamente desapareceram nas ficções mais atuais.

No contexto brasileiro, a pesquisa de Amiralian (1997) não se debruça sobre novas obras, e sim, faz uma síntese da investigação realizada por Kent (1989), também pontuando que os personagens cegos na literatura estão sendo representados como se fossem um grupo pertencente a uma classe única.

Existem também pesquisadores brasileiros que investigam o tema apenas em obras nacionais, colocando em evidência o estereótipo, o símbolo e a constituição do sujeito cego (GINZBURG, 2004; NOBRE, 2007).

Ginzburg (2004), em seu artigo "Cegueira e Literatura", inicia realizando uma reflexão da obra artística *Espelho Cego*, de Cildo Meireles. Em seguida, o pesquisador pontua o quanto o sentido da visão tem uma importância na tradição como fonte de acesso à verdade e, o saber desde a Caverna de Platão e as passagens bíblicas. E que o modo de representação dos escritores brasileiros sobre a cegueira se distância da perspectiva de Tirésias e se aproxima dos escritores Jorge Luis Borges e José Saramago. Ginzburg (2004) cita obras como *Infância*, de Graciliano Ramos, *São Marcos*, de Guimarães Rosa e o conto "Amor", de Clarice Lispector.

Nobre (2007) escreveu o artigo "Personagens cegas na literatura brasileira: estereótipo e símbolo", onde propôs discutir representações da cegueira na literatura através de dois contos nacionais: "As cores", de Orígenes Lessa – onde a pesquisadora afirma que a personagem é representada como se pertencesse a um mundo limitado pelo fato de ter uma deficiência –; e "Apólogo brasileiro sem véu de alegoria", de Antônio de Alcântara Machado – onde o personagem com deficiência visual é flautista. A autora chama atenção para o lugar-comum da associação entre cegueira e dons musicais, lembrando ao leitor que a deficiência não gera nenhum talento ou aptidão especial. Mas, diferente do primeiro conto, a construção do

personagem de António de Alcântara Machado é diferenciada – o personagem com deficiência constrói a cena, é participativo e inteligente.

Além disso, Nobre (2009) escreveu uma dissertação sobre a temática, intitulada “Personagens cegas da literatura brasileira: reflexões contemporâneas”, onde a autora buscou refletir sobre a concepção de cegueira nos contos brasileiros de autores como João Guimarães Rosa, Clarice Lispector e outros.

A pesquisadora teve como aporte teórico Vygotsky, Antônio Candido, Platão, Aristóteles, Stuart Hall, Deleuze etc. Os resultados mostraram que os textos literários refletem as contradições no trato com a diversidade humana, muitas vezes reforçando os estereótipos e preconceitos; e outras, as superações dessas questões.

Como dito inicialmente, algumas pesquisas não contemplam apenas a deficiência visual, mas trazem informações relevantes para compor esse estudo atual do conhecimento. Uma delas é a de Barros (2015), “Quarenta anos retratando a deficiência: enquadres e enfoques da literatura infantojuvenil brasileira”, onde a pesquisadora debruçou-se sobre 150 livros infantis, editados nos últimos 40 anos, analisando-os sob os pressupostos da Análise do Discurso.

A autora notou que, no mercado editorial brasileiro, tem ocorrido uma crescente publicação de livros que têm como tema a diferença, e especificamente as deficiências. Ela observou que os livros publicados entre as décadas de 1970 e 1980 foram escritos por autores independentes ideologicamente, e que os autores brasileiros, a partir de 1990, eram escritores iniciantes, que, através de suas experiências de vida, escreveram sobre a temática, abordando informações científicas e moralizadoras sobre as deficiências. No seu montante de livros investigados, a deficiência visual é a segunda mais retratada, sendo que a deficiência física está em primeiro lugar.

A proposta da pesquisadora Dowker (2013), em seu artigo “A representação da deficiência em livros infantis: séculos XIX e XX”, foi a de analisar a representação de personagens com deficiência na literatura infantil britânica e norte-americana, desde grandes clássicos – como *Pollyana*, de Eleanor Porter –, até livros de baixa circulação no mercado editorial.

Ela identificou nas narrativas que, quando a deficiência era adquirida, esta deveria ser aceita como um ato de obediência a Deus, como acontece com a personagem Elsa da obra *A Schoolgirl's Battlefield* (1910), que se torna uma pessoa

com deficiência visual devido a uma doença ocular. Quando curada a deficiência, esse ato era associado ao bom caráter do personagem.

Dowker (2013) também afirma que o modo como os personagens com deficiência são representados na ficção do século XIX é bem complexo – em alguns casos eles são vilões e dignos de pena; em outros, a deficiência era abordada como parte comum na vida dos personagens.

Segundo a pesquisadora, críticos literários notaram que obras publicadas antes da Primeira Guerra Mundial apresentam personagens com deficiência de modo bidimensional: vilões como o Capitão Gancho em *Peter and Wendy* (1911), ou como inválidos santos, que se transformam em pessoas boas após a experiência com a deficiência.

Além disso, as obras do século XIX geralmente não dão destaque à causa ou origem da deficiência. Dowker (2013) justifica que esse ato é devido à falta de conhecimento médico no período, além de evitar que o personagem seja reduzido a uma condição médica.

Outra pesquisa é a dissertação escrita por Dionara Dall'agnol (2008), que se chama "Educação e representações de deficiência na turma da Mônica, de Mauricio de Souza", onde a pesquisadora é embasada teoricamente nos Estudos Culturais em Educação e nos Estudos de Mídia, e buscou investigar como os personagens Dorinha (deficiente visual) e Luca (deficiente físico) estavam sendo representados nas histórias em quadrinhos do cartunista mais conhecido do país: Maurício de Souza.

Os resultados de Dall'agnol (2008) apontaram que os quadrinhos do cartunista são um sistema de representação, gerando uma produção na criação de significados a partir da linguagem, sendo que os discursos voltados para os personagens com deficiência não enfatizam suas dificuldades, e sim suas habilidades, indicando uma corroboração para a concepção da normalização das diferenças.

Foi apontado também que as narrativas de Mauricio de Souza demonstram que ser uma pessoa com deficiência não é tão desagradável, e não impede que a criança viva uma infância feliz.

A estratégia discursiva busca evidenciar a compensação das deficiências, onde os personagens com deficiência contêm qualidades como simpatia, charme e beleza acima do restante da turma.

Dall'agnol (2008), ainda, identificou que os personagens não-deficientes têm a liberdade de exprimir suas fragilidades, como o Cebolinha, que utiliza em sua fala o uso do “L” em vez do “R”; contudo, os personagens com deficiência são moralmente superiores aos outros.

Outra dissertação é “A literatura infanto-juvenil ‘nas águas’ da inclusão escolar: navegar é preciso” de Daniela Real (2009). A autora propôs analisar livros da língua portuguesa (contemplando obras traduzidas) que continham personagens com deficiência, e refletiu os efeitos das narrativas nos processos educativos, através da Estética da Recepção e da Educação Inclusiva.

Inicialmente, seu *corpus* era composto por 78 obras, que, após critérios de seleção, foram reduzidos para três, contemplando a deficiência visual, a deficiência física e a deficiência auditiva. Ela notou que as histórias continham uma narrativa que evidenciava o modo como os personagens com deficiência se viam e viam o outro, e que existia uma valorização da interação entre diferentes sujeitos para a resolução de conflitos.

Noronha (2006) também escreveu uma dissertação sobre a temática, que se chama “A representação da deficiência na literatura infanto-juvenil nos tempos de inclusão”. Ela objetivou analisar as representações das deficiências em obras infanto-juvenis escrita por autores brasileiros entre os anos de 1996 e 2006.

A pesquisadora elaborou a hipótese que, atualmente, vivemos um período de inclusão escolar, e a literatura é um produto cultural que alcança crianças. Esse produto pode contribuir para diminuir ou disseminar o preconceito com as pessoas com deficiência. Sendo assim, a dissertação teve uma metodologia que tratou o *corpus* empírico tanto de modo qualitativo como quantitativo.

Noronha (2006) identificou, através da investigação, que existem três tendências de narrativas: as que são livres de preconceito; as histórias que são denunciadoras e imunes de preconceito; e as histórias que são denunciadores, porém, são, simultaneamente, perpetuadoras de estigmas, preconceitos e estereótipos.

Outra dissertação, intitulada “Literatura infanto-juvenil e diversidade”, escrita por Venâncio (2009), teve como objetivo analisar 20 obras literárias infanto-juvenis que faziam parte do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) selecionadas no edital do ano de 2007. As obras são indicadas para o Ensino Fundamental I, do 1º ao 5º ano, e foram utilizadas na pesquisa para identificar de que modo elas

valorizavam a diversidade de raça, gênero, idade, a desigualdade social e as deficiências.

A pesquisa teve como hipótese que os discursos midiáticos e os presentes na literatura infanto-juvenil e nos livros didáticos estão alheios a apresentação da diversidade, e devido a esse posicionamento, contribuem para a legitimação das hierarquias sociais.

Como aporte teórico, a pesquisadora adotou a perspectiva crítica e o interacionismo simbólico, e como técnica para extrair as informações das obras, foi utilizada a análise de conteúdo, que colocou em relevo o silenciamento em torno da temática das deficiências, que, quando retratadas, ocorriam de modo estigmatizante.

Já Valle e Connor (2014), ao falarem brevemente no livro *Ressignificando a deficiência: da abordagem social às práticas inclusivas na escola* sobre as representações mais comuns dadas às pessoas com deficiência em livros, afirmam que, na literatura clássica, quando crianças com deficiência são personagens, elas são retratadas como um fardo para a família. Além disso, geralmente são fracas e dignas de pena.

Outro livro que encontrei na minha trajetória foi *A diferença na literatura infantil: narrativas e leituras*, desenvolvido a partir de um projeto composto pelos Programas de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que contém um capítulo intitulado “Deficiência e infância: representações de cegos e cadeirantes na literatura infantil contemporânea”.

Os pesquisadores notaram que obras que contêm o tema em volta da deficiência visual e física direcionam a narrativa sempre para uma única mensagem, que a diferença/deficiência não é barreira para felicidade. Além desse capítulo que tem como temática literatura e deficiência, existe também “Os surdos na literatura infantil: alternativas de abordagem e visões infantis sobre personagens surdas. (SILVEIRA *et al*, 2012)

Como é possível perceber pela descrição das pesquisas realizadas, existe uma grande variedade no modo de representar as pessoas com deficiência, e aqui coloco em destaque as pessoas com deficiência visual, na literatura.

Hall (2016, p. 20) diz que em “toda cultura há sempre uma grande diversidade de significados a respeito de qualquer tema e mais de uma maneira de representá-los ou interpretá-los”.

Se dentro de uma mesma cultura existe essa variedade, imagine em diferentes culturas, como vimos nos trabalhos citados. Desse modo, direciono o próximo tópico do capítulo para a temática da representação nos Estudos Culturais.

3.2 *Representação na perspectiva dos Estudos Culturais*

O segundo momento deste capítulo abordará o conceito de representação, o qual tomo como posicionamento teórico a perspectiva dos Estudos Culturais. Aqui esclarecerei o que são os Estudos Culturais, que podem ser definidos do seguinte modo:

[...] constituem um campo interdisciplinar, transdisciplinar e algumas vezes contradisciplinar que atua na tensão entre suas tendências para abranger tanto uma concepção ampla, antropológica, de cultura quanto uma concepção estreitamente humanística de cultura. Diferentemente da antropologia tradicional, entretanto, eles se desenvolveram a partir de análises das sociedades industriais modernas. Eles são tipicamente interpretativos e avaliativos em suas metodologias, mas, diferentemente do humanismo tradicional, eles rejeitam a equação exclusiva de cultura com alta cultura e argumentam que todas as formas de produção cultural precisam ser estudadas em relação a outras práticas culturais e às estruturas sociais e históricas. Os Estudos Culturais estão, assim, comprometidos com o estudo de todas as artes, crenças, instituições e práticas comunicativas de uma sociedade. (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 2013, p. 12)

Entretanto, por qual motivo utilizarei os Estudos Culturais como suporte para a pesquisa realizada? Tive o desejo devido aos Estudos Culturais terem como objeto privilegiado de estudo a cultura, a ideologia, a linguagem e o simbólico (HALL, 2013).

A literatura é de natureza simbólica, e nela existe espaço para imaginário, o impossível; também é um dos recursos para representar a sociedade, suas relações, estruturas de poder e outros. Então, percebi a necessidade de vincular essa teoria a minha pesquisa. Além disso, os Estudos Culturais compreendem os textos da seguinte maneira:

A importância crucial da linguagem e da metáfora linguística para *qualquer* estudo da cultura; a expansão da noção do texto e da textualidade, quer como fonte de significado, quer como aquilo que escapa e a adia o significado; o reconhecimento da heterogeneidade e da multiplicidade dos significados, do esforço envolvido no encerramento arbitrário da semiose infinita para além do significado; o reconhecimento da textualidade e do poder cultural, da própria representação, como local de poder e de regulamentação; do simbólico como fonte de identidade. [...] textos como fontes de poder, da textualidade como local de representação e de

resistência, nenhuma destas questões poderá jamais ser apagada dos estudos culturais. (HALL, 2013, p. 232)

A abertura dos Estudos Culturais para a linguagem foi um grande ganho para esse campo teórico, visto a importância que os meios de comunicação ocupam na sociedade. A literatura compõe esse sistema e nos concede diversos elementos culturais, sendo que a cultura, na perspectiva dos Estudos Culturais, é vista como uma forma de vida, que abarca atitudes, práticas, linguagens, assim como costumes, estruturas de poder e representações.

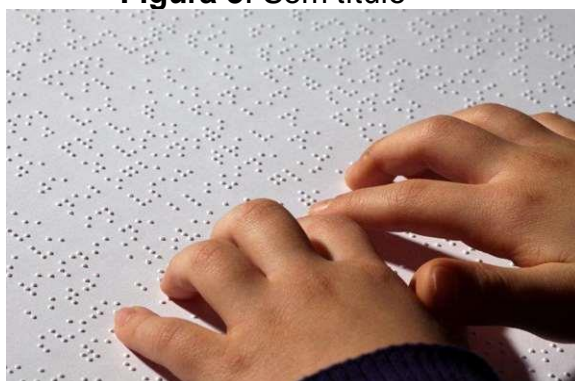
Referente à representação, existe uma maior exploração nesse campo teórico, dentro do enfoque construtivista, a qual melhor será desenvolvido neste tópico.

Falar sobre o conceito de representação não é fácil, visto que o termo é amplamente discutido desde o período platônico. Eu adoto o conceito construído por Stuart Hall, um dos principais autores colaboradores dos Estudos Culturais, que foi diretor por uma década do *Centre for Contemporary Cultural Studies*⁷ (CCCS), contribuindo de modo significativo para temas como raça e gênero. Ao escrever a obra *Cultura e Representação* (2016), ele afirma que:

Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar *envolve* o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos. (HALL, 2016, 32)

Segundo Hall (2016, p. 32), a “representação diz respeito à produção de sentido pela linguagem”. E o que isso quer dizer? Por exemplo, ao visualizar a imagem a seguir tente responder: O que ela é para você?

Figura 3. Sem título



⁷ Centro de Estudos Culturais Contemporâneos.

Fonte: *Livros e Pessoas*. Disponível em: <<http://www.livrosepessoas.com/wp-content/uploads/2015/01/braille.jpg>> Acesso em: 14 de out. 2017

Provavelmente, você deve ter elaborado mentalmente alguma frase do tipo: “Alguém lendo um texto em braille” ou “uma pessoa lendo um livro em braille”, “uma pessoa com deficiência visual lendo um texto em braille” ou ainda “uma mão em cima de uma página cheia de bolinhas”, ou qualquer outra variação.

Você, leitor, reconheceu os elementos da imagem através da interação entre o seu sistema cognitivo, sua percepção visual com a ativação dos seus conhecimentos prévios, que diz o que essa imagem significa. Ao verbalizar o que é essa imagem, você faz uso da palavra. De acordo com Hall (2016), a palavra representa o conceito dos objetos – no caso exposto, o da imagem –, e assim damos sentidos aos elementos, através da linguagem.

Além disso, a linguagem é de extrema importância no processo de representação, pois ela permite que membros de uma mesma cultura possam se comunicar, compartilhar conceitos, ideias e pensamentos. Sendo assim, é possível afirmar que a linguagem é um sistema representacional.

Hall (2016, p. 37, grifo do original) diz que “o termo geral que usamos para palavras, sons ou imagens, que carregam sentido é **signo**”. O signo pode ocorrer em duas distintas modalidades: signos icônicos e signos indexicais. Os signos icônicos são aqueles que são visuais, como uma fotografia.

Figura 4. Bengala branca



Fonte: <<http://imagens.us/datas/dia-da-bengala-branca/>>

Na Figura 4, tem-se a imagem representativa de uma bengala branca, sendo usada, provavelmente, por uma pessoa com deficiência visual. A bengala branca é um instrumento que auxilia a pessoa com deficiência visual em sua orientação e mobilidade, geralmente é feita de alumínio e é dobrável. Essa imagem é um signo icônico, que representa uma bengala real, pois contém semelhanças com o objeto que pretende apresentar ao leitor.

Já os signos indexicais são aqueles verbalizados ou escritos, que, de acordo com Hall (2016), não têm uma relação óbvia com os objetos reais que representam, são referências arbitrárias. Por exemplo, as letras P, E, S, S, O, A, C, O, M, D, E, F, I, C, I, Ê, N, C, I, A, V, I, S, U, A, L não têm nenhuma forma ou característica que se vincule com uma pessoa com deficiência visual real, mas ainda assim, em nossa cultura, se alguém verbalizar esse termo, as pessoas vão saber do que se trata.

Como os estudos sobre representação permeiam desde o período platônico, existem algumas vertentes teóricas. Hall (2016), no livro *Cultura e Representação*, colocou em destaque três segmentos: abordagem reflexiva, abordagem intencional e a abordagem construtivista. Na primeira abordagem, ele diz o seguinte:

Na **abordagem reflexiva**, o sentido é pensado como repousando no objeto, pessoa, ideia, ou evento no mundo real, e a linguagem funciona como um espelho, para *refletir* o sentido verdadeiro como ele já existe no mundo. (HALL, 2016, p. 47, grifos do original)

Nessa abordagem, a representação é algo que de fato reflete o objeto real; contudo, existem fragilidades na teoria. Por mais que a fotografia da bengala branca (Figura 4) tenha semelhanças com o objeto real, ela não tem o mesmo tamanho, funcionalidade, não é composta pelos materiais que uma bengala branca real. A imagem é um signo icônico que se difere do objeto real que representa.

Já a abordagem intencional é descrita do seguinte modo: “Defende que é o interlocutor, o autor, quem impõe seu único sentido no mundo, pela linguagem. As palavras significam o que o autor pretende que signifiquem”. (HALL, 2016, p. 48).

Hall (2016) aponta que essa teoria se torna falha, visto que não há como cada sujeito, de modo individual, conceder sentido sozinho à linguagem. Se esse fosse o caso, os homens não conseguiriam se comunicar, pois cada um teria sua própria linguagem, seu próprio modo de representar objetos, falar sobre eles; sendo assim, as convenções linguísticas se fazem necessárias.

Na abordagem construtivista, Hall afirma que esta:

[...] reconhece esse caráter público e social da linguagem. Ela atesta que nem as coisas nelas mesmas, nem os usuários individuais podem fixar os significados na linguagem. As coisas não *significam*: nós *construímos* sentido, usando sistemas representacionais – conceitos e signos. Assim, esta abordagem é chamada de **construtivista**. De acordo com ela, nós não devemos confundir o mundo *material*, onde as coisas e pessoas existem, com as práticas e processos *simbólicos* pelos quais representação, sentido e linguagem operam. Construtivistas não negam a existência do mundo material. No entanto, não é ele que transmite sentido, mas sim o sistema de linguagem, ou qualquer outro que usemos para representar nossos conceitos. São os atores sociais que usam os sistemas conceituais, o linguístico e outros sistemas representacionais de sua cultura para construir sentido, para fazer com que o mundo seja compreensível e para comunicar sobre esse mundo, inteligivelmente, para outros. (HALL, 2016, p. 48, grifos do original)

Nessa citação, é possível perceber que a abordagem construtivista de representação se distancia da perspectiva do reflexo, do espelho, da imitação, da construção de sentido de modo individual. Um elemento fundante da teoria é a construção coletiva dos sentidos nos meios sociais.

Como afirmei no início desse tópico, os Estudos Culturais exploram o conceito de representação dentro do enfoque construtivista, e aqui irei detalhá-lo com maior profundidade do que as outras teorias já citadas. É necessário ressaltar que, dentro dessa abordagem, existem diferentes influências, como a do linguista Saussure. Hall (2016) pontua a importância do autor para a abordagem construtivista:

Para os nossos propósitos, sua importância reside não em seu detalhado trabalho em linguística, mas na sua visão geral da representação e na forma com que seu modelo de linguagem norteou a abordagem semiótica para o problema da representação em uma ampla variedade de campos culturais. (HALL, 2016, 57)

Hall (2016) afirma que Saussure analisou o signo em duas outras questões: significante e significado. O significante corresponde à forma, como as imagens, as pinturas, as palavras, uma fotografia e outros modos de representar; já o significado está atrelado à ideia que está em nossa mente.

Por exemplo, toda vez que você fizer a leitura das palavras “pessoa com deficiência visual” nesta dissertação, você estará lendo o significante, mas o que passa em sua mente enquanto lê essas palavras é o significado. Sendo que tanto o significante quanto o significado “[...] são necessários para produzir sentido, mas é a

relação entre eles, fixada pelo nosso código cultural e linguístico, que sustenta a representação” (HALL, 2016, p. 57).

Um outro elemento apontado é que, para Saussure, os signos não são estáticos, e sim vão mudando historicamente. Por exemplo, nas décadas de 1980 e 1990, no Brasil, era comum chamar pessoas com deficiência de “pessoas portadoras de deficiência”; contudo, contemporaneamente, chamar uma pessoa com deficiência de “portadora” pode causar um grande transtorno, assim como termos como “aleijado”, “defeituoso”, “inválido”, “incapacitado”. Essas palavras tornaram-se inadequadas a partir de mudanças culturais e históricas. Diniz (2007) traz essa questão em seu livro *O que é deficiência*:

Para os precursores dos estudos sobre deficiência, a linguagem referente ao tema estava carregada de violência e de eufemismos discriminatórios: “aleijado”, “manco”, “retardado”, “pessoa portadora de necessidades especiais” e “pessoa especial”, entre tantas outras expressões ainda vigentes em nosso léxico ativo. Um dos poucos consensos no campo foi o abandono das velhas categorias [...]. (DINIZ, 2007, p.10)

Hall (2016) também aborda outra questão levantada por Saussure, que é a demarcação da diferença através da linguagem. Essa demarcação é considerada extremamente necessária para a produção de sentido, visto que existem palavras que só conseguimos compreender relacionando-as com seus antônimos, por exemplo: leve/pesado, doce/salgado. “O jeito mais simples de demarcar diferenças é, claramente, por sentidos de oposição binária – como em noite/dia” (HALL, 2016, p. 58).

Por último, Hall (2016) traz os conceitos de *langue* e *parole* criados por Saussure. A *langue* é um conjunto de regras que compõem uma língua, “que todos os seus usuários devem compartilhar para que ele seja utilizado como um meio de comunicação” (HALL, 2016, p. 61). Já a *parole* “consiste nos atos particulares de fala, escrita ou desenhos que – usando a estrutura e as regras da *langue* – são produzidos por um interlocutor ou escritor real” (HALL, 2016, p. 61).

Nessa divisão, a contribuição de Saussure para a abordagem construtivista é que a *langue* é reafirmada como algo social, se distanciando da abordagem intencional aqui já descrita. “A linguagem para Saussure é, portanto, um fenômeno social, que não pode ser uma questão individual, já que não é possível inventar as regras da linguagem individualmente [...]” (HALL, 2016, p. 63).

Como é possível observar, Saussure colaborou para o avanço teórico sobre as representações, mas esse não foi seu grande enfoque – outros pesquisadores deram continuidade às suas pesquisas referentes aos signos, que atualmente é conhecido como o campo teórico da Semiótica.

O argumento fundamental por trás da abordagem semiótica é que, uma vez que todos os objetos culturais expressam sentido, e todas as práticas culturais dependem do sentido, eles devem fazer uso dos signos; e na medida em que fazem, devem funcionar como a linguagem funciona e ser suscetíveis a uma análise que, basicamente, faz uso dos conceitos linguísticos de Saussure (ou, seja a distinção entre significante/significado e *langue/parole*, sua ideia de códigos e estruturas subjacentes e a natureza arbitrária do signo). (HALL, 2016, p.67)

Pesquisadores como Roland Barthes e Claude Lévi-Strauss trouxeram a abordagem semiótica para muitas de suas leituras culturais, e ela contribuiu para a interpretação dos sentidos que as representações carregam. Contudo, Hall (2016, p. 78) afirma que:

A semiótica parecia confinar o processo de representação à linguagem, e tratá-la como um sistema fechado, bastante estático. Desenvolvimentos posteriores se tornaram mais preocupados com a representação como uma fonte para a produção do *entendimento* social – um sistema mais aberto, conectado de maneira mais íntima às práticas sociais e às questões de poder. (HALL, 2016, p. 78, grifo do original)

Envolvendo o processo de representação, as práticas sociais e as questões de poder, o teórico Michel Foucault apresenta esses elementos dentro de uma perspectiva discursiva. O seu foco de atenção nas representações é o discurso, e também a sua formação, sendo que esse elemento é algo *historicizado* – diferente da Semiótica, que traz uma abordagem a-histórica.

Foucault não acreditou que os mesmos fenômenos seriam observados em momentos históricos diferentes. Ao revés, ele defendeu que, em cada período, o discurso produz formas de conhecimento, objetos, sujeitos e práticas de conhecimento que são radicalmente diferentes de uma época para a outra, sem uma necessária continuidade entre elas. (HALL, 2016, p. 84)

Ou seja, nessa perspectiva, falar de deficiência visual contemporaneamente não é a mesma coisa que abordar o tema na Idade Média – o período histórico influencia a discussão, assim como a cultura.

Outro elemento significativo para abordagem construcionista da representação abordado por Foucault é o vínculo entre o discurso, conhecimento e poder. Hall (2016) afirma que, para o teórico, o conhecimento somente é poder quando existe uma aplicabilidade/efetividade desse conhecimento em um meio. E que o conhecimento pode levar à regulação e disciplinamento de condutas.

Foucault também contribuiu para os estudos da representação quando falou sobre o regime da verdade, que é um discurso que se sustenta culturalmente. Por exemplo, durante a Antiguidade e Idade Média, muitas culturas acreditavam que pessoas com deficiências eram fruto de um pecado cometido pelos pais, ou pelos antepassados, como foi abordado no capítulo anterior. Essa ideia tornou-se tão “verdadeira” que muitas pessoas com deficiência foram segregadas, excluídas e até mesmo exterminadas durante um longo período histórico.

O outro elemento abordado por Foucault é a questão do poder, com já dito. Para o autor, o poder não tem uma estrutura vertical, de cima para baixo, como geralmente é abordado; o poder, na verdade, é algo circulante.

Para nosso autor, no entanto, o poder não “funciona na forma de uma cadeia; ele circula. Ele nunca é monopolizado por um centro. Ele é implantado e exercido por uma organização como uma rede” (Foucault, 1980: 98). Isso sugere que nós todos somos, em algum grau, pegos em sua circulação – opressores e oprimidos. O poder não irradia de cima para baixo, nem de uma única fonte ou lugar. Relações de poder permeiam todos os níveis da existência social e podem, portanto, ser encontradas operando em todos os campos da vida social – nas esferas privadas da família e da sexualidade, tanto quanto nas esferas públicas da política, da economia e das leis. E mais, o poder não é apenas negativo, reprimindo o que objetiva controlar. Ele também é *produtivo*. (HALL, 2016, p. 90, grifo do original)

Essa concepção de poder circulante é algo muito significativo para entendermos os diferentes modos que se dão as relações sociais. Em especial, me fez refletir que pessoas com deficiência visual, que geralmente são oprimidas diversas vezes durante a vida, também podem ser opressoras.

Como exemplo, existe o seguinte caso⁸, que ocorreu na cidade de Feira de Santana – BA, no dia 20 de Julho de 2017, no qual um homem cego de 33 anos assassinou sua esposa com uma facada no pescoço, estando a mesma grávida de seis meses. Ou seja, ele estava em posição de dominância, e usou isso para retirar a vida da sua esposa e seu filho. Um sujeito que historicamente é reprimido por uma

⁸ Disponível em: <<https://g1.globo.com/bahia/noticia/cego-e-presosuspeito-de-matar-mulher-gravida-facadas-em-feira-de-santana-na-bahia.ghtml>> Acesso em: 13 de set. de 2017

sociedade altamente “visocentrista” se descoloca do papel de oprimido e passa a ser o opressor.

Após esse apanhado teórico sobre representação, Hall (2016) apresenta em sua obra *Cultura e Representação* análises sobre sujeitos que compõem o leque das diferenças, de modo específico, sobre questões raciais do período escravocrata e imperial do final do século XIX.

Contudo, em sua conclusão textual, Hall (2016) faz uma breve explanação sobre a aplicação das suas análises em outras questões referente as diferenças: “o que dissemos sobre ‘raça’ pode, em muitos casos, ser aplicado a outras dimensões da ‘diferença’” (HALL, 2016, p. 223). Sendo assim, fiquei motivada em articular essas reflexões com as questões da representação de personagens com deficiência visual na literatura.

A pergunta norteadora de Hall (2016), para as análises foi a seguinte: “os repertórios da representação em torno da ‘diferença’ e da ‘alteridade’ mudaram ou as características anteriores permanecem intactas na sociedade contemporânea?” (HALL, 2016, p. 140).

A análise se deu de modo embasado nas teorias da representação e gerou alguns conceitos, vinculando representação e diferenças, sendo que serão expostas aquelas que têm maior relevância para minha pesquisa.

Um primeiro elemento que eu gostaria de ressaltar é que “o campo da representação não é estático” (HALL, 2016, p. 224); sendo assim, ele se transforma nos períodos históricos, nas diferentes culturas e espaços.

Uma reflexão bastante significativa elaborada por Hall (2016) sobre as diferenças foi a seguinte:

A marcação da “diferença” leva-nos, simbolicamente, a cerrar fileiras, fortalecer a cultura e a estigmatizar e expulsar qualquer coisa que seja definida como impura e anormal. No entanto, paradoxalmente, também faz com que a “diferença” seja poderosa, estranhamente atraente por ser proibida, por ser um tabu que ameaça a ordem cultural. (HALL, 2016, p. 157)

No que se refere à história das pessoas com deficiência da Antiguidade à Contemporaneidade, essas foram marcadas por muito tempo por práticas de extermínio, exclusão, segregação em diferentes culturas; mas também foram

elemento de muitas pesquisas, de misticismos, de lendas, tornando-se também atraentes.

Um outro ponto abordado por Hall (2016) é a patologização da diferença. Ao falar do caso da mulher negra Saartje Baatman a “Vênus de Hotentote”, ele afirma: “[...] a diferença foi ‘patologizada’, isto é, representada como uma forma patológica de ‘alteridade’”. (HALL, 2016, p. 203). Esse elemento acompanha as pessoas com deficiências desde o princípio, por fazer parte de um campo de cuidados médicos.

Hall (2016), ao realizar uma análise da capa da revista *The Sunday Times Magazine* de 9 de outubro de 1988, que aborda as Olimpíadas, nos diz:

[...] é comum que as pessoas significativamente diferentes da maioria em algum aspecto – “eles” em vez de “nós” – fiquem expostas a esta forma binária de representação. Elas parecem ser representadas por meio de extremos acentuadamente opostos, polarizados e binários – bom/mau, civilizado/primitivo, feio/excessivamente atraente, repelente por ser diferente/cativante por ser estranho e exótico. E, muitas vezes, elas são obrigadas a ser as *duas coisas ao mesmo tempo!* [...] (HALL, 2016, p. 145, grifo do original)

Essa passagem me fez recordar de algumas pesquisas citadas no tópico anterior, como a investigação de Dowker (2013), que notou que os personagens com deficiência são representados na ficção do século XIX como vilões ou como dignos de pena; assim como nas obras antes da Primeira Guerra Mundial, nas quais existia um modo bidimensional de representar os personagens, como vilões ou como inválidos santos, que são personagens que se transformam em pessoas boas após adquirir uma deficiência.

A dissertação de Dall’agnol (2008), que analisa dois personagens da Turma da Mônica, de Mauricio de Souza, também identifica esse modo binário de representação, onde os personagens com deficiência visual e física continuam qualidades como charme, simpatia e beleza de modo superior aos outros personagens da turma.

E Kent (1989), no desenvolvimento de sua pesquisa, ao citar Monbeck (1973), também elencou variados modos binários de representação de personagens literários com deficiência visual, como sujeitos inúteis, desamparados e outros adjetivos.

Hall (2016) afirma que, por mais que as posições binárias sejam elementos necessários para estabelecer as diferenças de modo claro, elas podem ser muito

simplificadoras e reducionistas; afinal, um ser nunca é totalmente mau ou bom, existem muito mais do que dois gêneros.

Outro elemento que Hall (2016), aponta sobre a representação e a diferença é a soma de questões como gênero e sexualidade. Ao falar sobre os negros em práticas de esporte, ele ressalta o quanto essas questões se sobressaltam.

Através do estudo atual do conhecimento sobre a representação de pessoas com deficiência visual na literatura, foi possível identificar nas pesquisas já realizadas sobre o tema que existe uma abordagem sobre a sexualidade, e ela também ocorre de modo binário. Kent (1984) aborda que os cegos são representados de modo assexuados, ou reprimidos de expressar a sexualidade; porém, nas obras mais contemporâneas, eles se tornam corpos desejáveis, com uma sexualidade extraordinária.

Hall (2016) também realiza uma reflexão sobre as fotografias de atletas negros na imprensa que também pode ser aplicada a qualquer objeto ou sujeito que é representado em diferentes signos.

Elas [as imagens] acumulam ou eliminam seus significados face às outras por meio de uma variedade de textos e mídias. Cada imagem tem seu próprio significado específico. No entanto, em um sentido mais amplo sobre como a “diferença” e a “alteridade” são representadas em uma determinada cultura, num momento qualquer, podemos ver práticas e figuras representacionais semelhantes sendo repetidas, com variações, de um texto ou local de representação para outro. Essa acumulação de significados em diferentes textos, em que uma imagem se refere a outra ou tem seu significado alterado por ser “lida” no contexto de outras imagens, chama-se **intertextualidade**. Todo o repertório de imagens e efeitos visuais por meio dos quais a “diferença” é representada em um dado momento histórico pode ser descrito como um *regime de representação*. (HALL, 2016, p. 150, grifos do original)

Pelo levantamento realizado no primeiro momento deste capítulo, você, leitor, deve ter percebido que, em algumas pesquisas, os resultados das análises se aproximam – por mais que as obras sejam de contextos sociais e períodos históricos diferentes, o que ocorre é justamente o regime de representação que Hall (2016) nos fala, e ele traz o seguinte questionamento: “Que formas discursivas, repertoriais ou regimes de representação são utilizados pela mídia quando representa a diferença?” (HALL, 2016, p. 152). Aqui eu questiono: quais são os regimes de representação para com os deficientes visuais em obras literárias brasileiras contemporâneas? Esse é um dos focos dos objetivos específicos, identificar quais

regimes estão vigorando em obras literárias que contém personagens com deficiência visual.

Hall (2016) também chama atenção para a seguinte questão:

[...] A marcação da “diferença” leva-nos, simbolicamente, a cerrar fileiras, fortalecer a cultura e a estigmatizar e expulsar qualquer coisa que seja definida como impura e anormal. No entanto, paradoxalmente, também faz com que a “diferença” seja poderosa, estranhamente atraente por ser proibida, por ser um tabu que ameaça a ordem cultural. (HALL, 2016, p. 157)

Acredito que essa atração que o diferente causa também recai sobre os escritores literários, que buscam sempre representar os personagens com deficiência. E, assim, “o socialmente periférico está, com frequência, simbolicamente centrado” (BABCOCK, 1978 *apud* HALL, 2016, p. 157).

Hall (2016) também busca distinguir em seu texto dois elementos: a estereotipagem e a tipificação. “Então, o primeiro ponto é que *a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a “diferença”*. (HALL, 2016, p. 191, grifo do original), ou seja, a estereotipagem exclui e é segregadora.

A estereotipagem facilita a “vinculação”, os laços, de todos nós que somos “normais” em uma “comunidade imaginária”; e envia para o exílio simbólico todos Eles, “os Outros”, que são de alguma forma diferentes, “que estão fora dos limites”. (HALL, 2016, p. 192)

Já a tipificação é algo necessário para entendermos o que são as coisas, seus conceitos. Esses dois elementos devem estar bem definidos no momento de análise, pois a linha pode ser tênue entre eles.

Hall (2016) também fala das conexões trazidas pela estereotipagem, as quais são três; mas, em maior destaque, ele aborda o poder:

Na estereotipagem, então, estabelecemos uma conexão entre representação, diferença e *poder*. No entanto, é preciso sondar mais profundamente a natureza deste. Muitas vezes, pensamos no poder em termos de restrição ou coerção física direta, contudo, também falamos, por exemplo, do poder na *representação*; poder de marcar, atribuir e classificar; do poder *simbólico*; do poder de expulsão *ritualizada*. O poder, ao que parece, tem que ser entendido aqui não apenas em termos de exploração econômica e coerção física, mas também em termos simbólicos ou culturais mais amplos, incluindo o poder de representar alguém ou alguma coisa de certa maneira – dentro de um determinado “regime de representação”. Ele inclui o exercício do *poder simbólico* através das práticas representacionais e a estereotipagem é um elemento-chave deste exercício de violência simbólica. (HALL, 2016, p. 193, grifo do original)

E, para concluir este tópico, aqui apresento questionamentos de Hall (2016):

Será que um regime dominante de representação pode ser desafiado, contestado ou modificado? Quais contraestratégias podem começar a subverter o processo de representação? Será que as formas “negativas” de representação da diferença racial, que sobejam em nossos exemplos, podem ser revertidas por uma estratégia “positiva”? Existem estratégias eficazes? [...] (HALL, 2016, 211)

Existem possibilidades de alterações na forma de retratar personagens com deficiência. Basta termos como exemplo o que ocorreu com a representação racial. De acordo com Hall (2016, p. 189), “os atores negros protestaram por papéis mais variados na TV e no cinema e ganharam”. Contudo, ele chamou atenção para as seguintes questões:

É preciso ainda enfatizar um ponto adicional sobre os padrões contemporâneos da representação racializada. Mesmo que os negros tenham adquirido grande visibilidade e legitimidade dentro da cultura popular em áreas como música, moda e entretenimento, eles estão bem menos presentes ou visíveis no mundo do poder corporativo. Não fazem parte dos ingleses ricos, nem marginalmente; tampouco estão bem representados entre diretores de empresas e de grandes corporações. Embora as celebridades e figuras negras tenham estourado no campo da representação popular, ainda existem limites marcados de sua representação e participação nos centros de poder cultural e econômico. (HALL, 2016, p. 228)

Atualmente, já vemos algumas pessoas com deficiência em novelas, em áreas de entretenimento, mas não com tanta recorrência como os negros. Mais difícil ainda são pessoas com deficiência em cargos altos em grandes empresas.

Assim como os negros, percebo uma tendência das pessoas com deficiência ocupando representações populares; contudo, ainda existem limitações, como foi exposto na citação anterior. E, para gerar modificações em relação ao modo de representar as diferenças, Hall (2016) sugere:

[...] para contestar o regime racializado de representação é a tentativa de substituir as imagens “negativas”, que continuam a dominar a representação popular, por várias imagens “positivas” de pessoas negras, de sua vida e cultura. Esta abordagem tem o mérito de corrigir o equilíbrio e é sustentada pela aceitação da diferença – de fato, por sua celebração. (HALL, 2016, p. 216)

No livro *A diferença na literatura infantil: narrativas e leituras*, já citado no tópico anterior, os autores abordam esse elemento da celebração das diferenças em

obras de literatura infantil – questões como respeito e aceitação das deficiências são colocados em destaque nas narrativas.

4 A TRILHA QUE CAMINHEI: O PERCURSO DA PESQUISA

O ato de pesquisar é uma ação que surge a partir de uma indagação, de um problema, e a proposta deste capítulo é descrever por quais meios busquei a resposta para minha pergunta de pesquisa: **Como a deficiência visual está sendo tematizada e representada na literatura disponível no mercado editorial brasileiro?** Para alcançá-la, utilizei quatro elementos, são eles: método, técnica, criatividade e ética.

O meu primeiro posicionamento metodológico foi que essa seria uma pesquisa de natureza qualitativa, já que essa perspectiva “se aprofunda no mundo dos significados” (MINAYO, 2015, p. 22), por se preocupar em aprofundar a compreensão de um fenômeno das relações sociais e não em buscar um critério numérico de representatividade.

O segundo posicionamento é que a pesquisa teria como inspiração os Estudos Culturais e alguns elementos da Análise de Discurso, que, de acordo com Eni Orlandi (2010), é um campo do conhecimento que tem como interesse as práticas discursivas, sejam em imagens, palavras e outros.

Uma pesquisa qualitativa tem os seguintes passos, de acordo com Maria Minayo (2015, p. 26) “(1) fase exploratória; (2) trabalho de campo; (3) análise e tratamento do material empírico e documental”.

A fase exploratória consiste na produção do projeto de pesquisa e de todos os procedimentos necessários para preparar a entrada em campo. É o tempo dedicado – e que merece empenho e investimento – a definir e delimitar o objeto, a desenvolvê-lo teórica e metodologicamente, a colocar hipóteses ou alguns pressupostos para seu encaminhamento, a escolher e a descrever os instrumentos de operacionalização do trabalho, a pensar o cronograma de ação e a fazer os procedimentos exploratórios para escolha do espaço e da amostra qualitativa. (MINAYO, 2015, p. 26, grifo do original)

No momento inicial da pesquisa, como indicado, foi desenvolvido o projeto, que teve grandes avanços a partir das orientações concedidas no componente curricular *EDC792 Projeto de Dissertação*, ofertado pelo Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) da UFBA, no semestre 2016.2.

Foi necessário também definir e delimitar o objeto de investigação. Para que isso ocorresse, foram elaborados critérios de seleção que já demarcavam

propriedades discursivas basilares para o desenvolvimento da pesquisa. Foram eles: 1) as obras devem fazer parte do mercado editorial brasileiro; 2) os livros devem ser ficcionais; 3) os livros devem conter algum personagem com deficiência visual.

Pelo fato de ser uma pesquisa qualitativa, primeiro busquei explorar em editoras, sebos, livrarias e em grupos de leitores em redes sociais livros que atendiam aos critérios. Foram identificados 30 livros, publicados no Brasil, Itália, França, Estados Unidos, Chile, Canadá, Espanha e Inglaterra.

Tabela 2. Livros com personagens deficientes visuais.

TÍTULOS	AUTORES	EDITORAS
1. <i>A culpa é das estrelas</i>	John Green	Intrínseca
2. <i>A síndrome E</i>	Franck Thilliez	Intrínseca
3. <i>A sombra do vento</i>	Carlos Ruiz Zafón	Suma de Letras
4. <i>Almost blue</i>	Carlo Lucarelli	Conrad
5. <i>Caixa de pássaros</i>	Josh Malerman	Intrínseca
6. <i>Coração de pelúcia</i>	Li Mendi	Highlands
7. <i>Corpo de Braille</i>	Odelita Figueredo	Grupo Editorial Scortecci
8. <i>Do fundo dos seus olhos</i>	Dean Koontz	Editores Record
9. <i>Ela não é invisível</i>	Marcus Sedgwick	Galera Record
10. <i>Estrelas cadentes não dizem adeus</i>	J. A. Marcos	Tribo das Letras
11. <i>Graceling: o dom extraordinário</i>	Kristin Cashore	Editores Rocco
12. <i>Ladrão de olhos</i>	Jonathan Auxier	Leya Brasil
13. <i>Longe dos olhos</i>	Ivan Jaf	Ática
14. <i>Mais perto do céu</i>	Catherine Anderson	Arcádia
15. <i>Memórias de um vendedor de mulheres</i>	Giorgio Faletti	Intrínseca
16. <i>Messias de duna</i>	Frank Herbert	Aleph
17. <i>O amor... é cego?</i>	Lynsay Sands	Nova Cultural
18. <i>O grande desafio</i>	Pedro Bandeira	Moderna
19. <i>O menino sem imaginação</i>	Carlos Eduardo Novaes	Ática
20. <i>O nome da rosa</i>	Umberto Eco	Record
21. <i>O olhar de Milo</i>	Virginia Macgregor	Leya Brasil
22. <i>O rei demônio</i>	Cida Williams Chima	Suma de Letras
23. <i>Os relógios</i>	Agatha Christie	Globo Editora
24. <i>Pela luz dos olhos seus</i>	Janine Boissard	Editores Arqueiros
25. <i>Ponto cego</i>	Felipe Colbert	Novo século
26. <i>Quase uma rockstar</i>	Matthew Quick	Intrínseca
27. <i>Sangue no olho</i>	Lina Meruane	Cosac Naify
28. <i>Surpreendente!</i>	Maurício Gomyde	Intrínseca
29. <i>Toda luz que não podemos ver</i>	Anthony Doerr	Intrínseca

30. <i>Turismo para cegos</i>	Tércia Montenegro	Companhia das Letras
-------------------------------	-------------------	----------------------

Visto que os achados para compor o *corpus* empírico de investigação eram muito amplos para a execução durante o período do mestrado, um novo critério foi elaborado para alcançar um *corpus* empírico ideal: 4) os livros devem ser escritos por autores brasileiros. Nesse caso, tive uma significativa redução do quadro:

Tabela 3. Livros com personagens deficientes visuais, escritos por brasileiros.

TÍTULOS	AUTORES	EDITORAS
1. <i>Coração de pelúcia</i>	Li Mendi	Highlands
2. <i>Corpo de braille</i>	Odelita Figueredo	Grupo Editorial Scortecci
3. <i>Estrelas cadentes não dizem adeus</i>	J.A. Marcos	Tribo das Letras
4. <i>Longe dos olhos</i>	Ivan Jaf	Ática
5. <i>O menino sem imaginação</i>	Carlos Eduardo Novaes	Ática
6. <i>O grande desafio</i>	Pedro Bandeira	Moderna
7. <i>Ponto Cego</i>	Felipe Colbert	Novo Século
8. <i>Surpreendente!</i>	Maurício Gomyde	Intrínseca
9. <i>Turismo para cegos</i>	Tércia Montenegro	Companhia das Letras

O quarto critério teve como enfoque realizar um grande recorte nos achados; e além disso, valorizar a literatura nacional, compreender os sentidos simbólicos e sociais da nossa cultura em volta da deficiência visual. Mas, ainda assim, nove obras eram um número alto para se trabalhar durante o período do mestrado. Então, a partir disso, surgiu o quinto critério: 5) os livros serem publicados em editoras comerciais consolidadas⁹ no mercado editorial brasileiro. Como consequência disso, apresento o seguinte quadro:

Tabela 4. Livros com personagens deficientes visuais, escritos por brasileiros e de editoras consolidadas.

TÍTULOS	AUTORES	EDITORAS
1. <i>Longe dos olhos</i>	Ivan Jaf	Editora Ática
2. <i>O grande desafio</i>	Pedro Bandeira	Moderna
3. <i>O menino sem imaginação</i>	Carlos Eduardo Novaes	Editora Ática
4. <i>Ponto cego</i>	Felipe Colbert	Novo Século
5. <i>Surpreendente!</i>	Maurício Gomyde	Intrínseca
6. <i>Turismo para cegos</i>	Tércia Montenegro	Companhia das Letras

⁹ Aqui, compreendemos editoras comerciais consolidadas como aquelas que publicam livros em grandes tiragens.

No momento da fase exploratória, também é indicado por Minayo (2015) que se elaborem pressupostos ou hipóteses. Tomei a decisão de não realizar esse mecanismo, pois acredito que esse elemento poderia vir a restringir o meu olhar sobre os objetos de análise; afinal, como afirma Minayo (2015, p. 18) “ela [a teoria] é um conhecimento, mas não deve ser uma camisa de força”, por isso, me senti livre para não adotar as hipóteses.

Esse também foi o momento de escolha e descrição dos instrumentos de operacionalização do trabalho, algo que passou por diferentes modificações na construção da pesquisa.

Inicialmente, tinha pensado em utilizar um roteiro de levantamento de informações dos textos; contudo, essa ação limitaria minha análise, sendo que questões outras poderiam surgir. Então, optei por analisar eixos discursivos transversais nas obras.

A operacionalização do trabalho deveria ocorrer da seguinte forma: *a priori*, seria realizada a leitura integral de cada obra; *a posteriori*, seriam elencadas categorias individuais de cada livro, seguidas pela observação de eixos discursivos transversais, que seriam contemplados no momento das análises.

A segunda fase da pesquisa qualitativa é o trabalho de campo, que é descrita da seguinte forma:

O *trabalho de campo* consiste em levar para a prática empírica a construção teórica elaborada na primeira etapa. Essa fase combina instrumentos de observação, entrevistas ou outras modalidades de comunicação e interlocução com os pesquisados, levantamento de material documental e outros. Ela realiza um momento relacional e prático de fundamental importância exploratória, de confirmação e refutação de hipóteses e de construção de teoria. O trabalho de campo é uma fase tão central para o conhecimento da realidade que Lévy-Strauss (1975) o denomina “*ama de leite*” de toda a pesquisa social. (MINAYO, 2015, p. 26, grifos do original)

Esse foi o momento em que tive uma real aproximação com o *corpus* definido no momento anterior. Como já devem ter percebido em minha investigação, eu não vou a campo, meu objeto se restringe às obras literárias, que são os atores sociais da presente pesquisa.

Então, a primeira ação foi a leitura integral de cada obra. Em seguida, fiz uma segunda leitura, na qual fui sinalizando todas as passagens que faziam referência direta à deficiência visual, realizei pesquisas sobre seus escritores, editoras, e a repercussão das obras na mídia.

A terceira etapa, resumida no título *Análise e tratamento do material empírico e documental*, diz respeito ao conjunto de procedimentos para valorizar, compreender, interpretar os dados empíricos, articulá-los com a teoria que fundamentou o projeto ou com outras leituras teóricas e interpretativas cuja necessidade foi dada pelo trabalho de campo. Podemos subdividir esse momento em três tipos de procedimento:

- (a) Ordenação dos dados;
- (b) Classificação dos dados;
- (c) Análise propriamente dita. (MINAYO, 2015, p. 27, grifo do original)

Então, como solicitado na terceira etapa de pesquisa, ordenei as informações que destaquei em cada livro em categorias. Cada livro apresentou quantidades distintas, categorias em comum com outras obras e também individuais.

Após essa ação, fiz a classificação dessas categorias correspondendo a eixos que surgiram a partir dos objetivos da investigação, da imersão teórica nos Estudos Culturais, assim como nas inspirações concedidas pela Análise de Discurso e pela leitura das obras literárias. Os eixos foram os seguintes: regimes de representação; questões representacionais transversais: raça, gênero, sexualidade, classe social e outros; e filiações discursivas/ideológicas.

Em seguida, foi realizada a análise em si. É necessário pontuar que o modo de análise das obras não ocorreu de forma integral ou plena; afinal, cada livro é uma fonte inesgotável de investigação. O que busquei foi a chamada “exaustividade vertical” (ORLANDI, 2010, p. 63), que é a busca por um aprofundamento entre os objetivos da análise e sua temática.

É válido também pontuar que não procurei abordar qual é a melhor narrativa, ou qual é o modo correto de se falar sobre a deficiência visual, ou o que é verdade ou mentira – afinal, esse julgamento não é cabível, visto que falo de literatura. A minha proposta foi de analisar quais discursos estão postos; o que fiz foi uma busca pela compreensão das narrativas.

Mas, antes de apresentar ao leitor a análise, irei primeiramente apresentá-lo à contextualização dos livros que compuseram o *corpus* empírico da pesquisa.

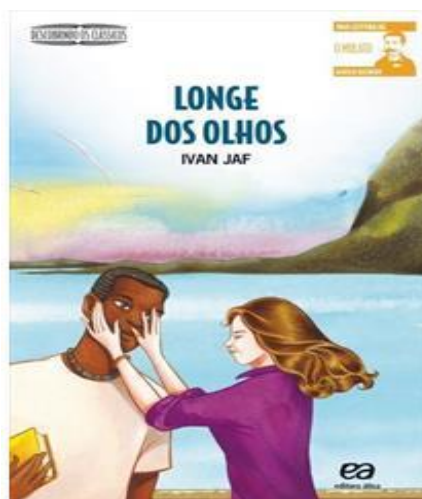
4.1 Contextualização do corpus empírico

Como foi apresentado na Tabela 4, os livros que compuseram a investigação são: *Longe dos olhos*, de Ivan Jaf; *O menino sem imaginação*, de Carlos Eduardo Novaes; *O grande desafio*, de Pedro Bandeira; *Ponto cego*, de Felipe Colbert; *Surpreendente!*, de Maurício Gomyde e *Turismo para cegos*, de Tércia Montenegro.

Os dois primeiros são livros publicados pela Editora Ática e apresentam narrativas mais curtas, que variam entre uma média 130 a 150 páginas; já as outras obras estão em uma média de 220 a 350 páginas.

Para que o leitor melhor compreenda o momento de análise, aqui irei apresentar um breve resumo de cada livro.

Figura 5. Livro *Longe dos olhos*



Fonte: JAF, Ivan. *Longe dos olhos*. 2^o ed. São Paulo: Ática, 2008.

Título: *Longe dos olhos*

Autor: Ivan Jaf

Editora: Editora Ática

Coleção: Descobrindo os clássicos

Edição: 2^a

Ano: 2008

ISBN: 978-85-08-12021-5

Palavras-chave: Racismo; Literatura juvenil; Aluízio Azevedo; O mulato.

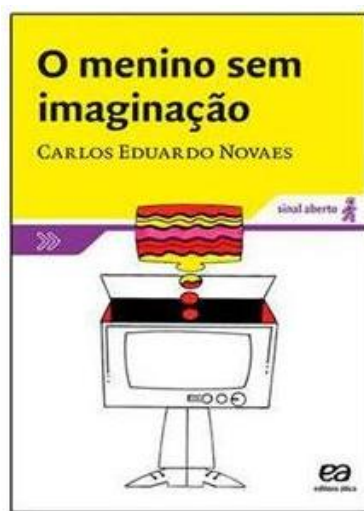
O livro *Longe dos olhos*, do escritor Ivan Jaf, foi publicado em sua 2^o edição no mercado editorial brasileiro no ano de 2008 pela editora Ática, contendo 138 páginas. O autor carioca é escritor de mais de 40 livros de ficção. *Longe dos olhos* faz parte da coletânea “Descobrindo os Clássicos”, que tem como proposta intercalar clássicos da literatura brasileira com novas histórias, para aguçar o desejo do leitor por obras de autores como Machado de Assis, Castro Alves, Eça de Queiroz e outros.

O enredo de *Longe dos olhos* é uma metaleitura da obra *O mulato*, de Aluísio Azevedo. Ivan Jaf segue a linha temática do livro *O mulato*, trazendo em pauta questões vinculadas ao preconceito racial. Além disso, incrementa no romance outro elemento, que é a presença de uma personagem com deficiência visual, que se chama Sílvia.

A história se inicia quando Oto, um estudante de Letras, negro, encontra Sílvia na mureta da Urca, no Rio de Janeiro. Ela não repara sua presença, mesmo ele fazendo de tudo para chamar sua atenção. Chateado com a situação e acreditando que isso era devido à cor de sua pele, ele desiste de tentar se aproximar dela. Até que, certo dia, ao prestar serviço a uma ONG para pessoas com deficiência física, ele vê a garota entrar, e então descobre que a mesma é cega.

Sílvia estava à procura de alguém que pudesse ler para ela alguma obra literária; então, Oto sugere o livro *O mulato*, de Aluísio Azevedo. No decorrer da trama, ele se apaixona por Sílvia e até mesmo mente sobre todo seu perfil físico, com medo que ela viesse a se afastar pelo fato de ser negro. Ao terminar o romance, Oto conta toda a verdade e o enredo finaliza com o pedido de desculpas e um beijo entre o casal.

Figura 6. Livro *O menino sem imaginação*



Fonte: NOVAES, Carlos Eduardo. *O menino sem imaginação*. 13^o ed. São Paulo: Ática, 2008.

Título: O menino sem imaginação

Autor: Carlos Eduardo Novaes

Editora: Editora Ática

Coleção: Sinal Aberto

Edição: 13ª

Ano: 2008

ISBN: 978-85-08-10658-5

Palavras-chave: Televisão; Aspectos sociais; Literatura infantojuvenil.

O livro *O menino sem imaginação*, do escritor Carlos Eduardo Novaes, teve a sua primeira publicação no ano de 1993, sendo que o livro em análise já está na 13ª edição pela editora Ática, contendo 152 páginas – incluindo o apêndice, onde se apresenta uma entrevista com o escritor e lista com as obras publicadas pelo mesmo, totalizando mais de 30 livros.

A narrativa conta sobre a vida de Tavinho (personagem principal), um menino que é extremamente dependente de televisão, contendo um apego afetivo tão grande que contém três em seu quarto, cuidando delas como se fossem pessoas, dando nome e tratando-as como se as mesmas tivessem sentimentos.

Só que ele se depara com um grande problema: ocorre uma “anomalia magnética” no Brasil e todas as televisões saem do ar, causando um grande transtorno em todo país, que é tão dependente desse eletrodoméstico.

A partir disso, Tavinho começa a sentir dificuldades por não conseguir imaginar, pois pensava de acordo com aquilo que já tinha vivido ou visto na televisão. Com a ajuda de sua irmã, estudante de Psicologia, e de seus outros familiares e amigos, Tavinho consegue desenvolver seu processo imaginativo e a crise televisiva acaba.

Dentre os amigos de Tavinho, existia o Raiban, personagem com cegueira. Este era filho de pais cegos de nascença, e adquiriu a deficiência visual ao longo da vida, perdendo a visão aos poucos. Ele se tornou professor de Música no Instituto dos Cegos e amigo de Tavinho.

No momento da entrevista com o autor, ele justifica a presença de Raiban do seguinte modo:

O Raiban, um cego, foi um personagem que me veio à cabeça depois do livro pronto. Isso significa dizer que reescrevi o livro mais de três vezes abrindo espaço para Raiban. Ele é um dos contrapontos de Tavinho (o outro é a irmã). É o contraponto da deficiência, considerando-se que Tavinho também é cego, mas é de imaginação. (NOVAES, 2008, p.147)

Acredito que o contraponto abordado pelo autor se refira ao fato que tanto a irmã de Tavinho quanto Raiban tenham uma imaginação a florada, diferente do personagem principal. No personagem cego, isso é ainda mais específico, devido a este ter uma deficiência e, mesmo assim, não ter uma vida tão limitante quanto a de Tavinho, que não consegue imaginar.

A primeira referência a Raiban no livro se dá no primeiro parágrafo da narrativa, quando Tavinho vai elencando coisas que faltam a cada personagem da história, e para Raiban, falta-lhe a visão.

É verdade: não tenho imaginação e não ligo a mínima para isso. Minha mãe não tem emprego; minha tia não tem marido; meu avô não tem carro; minha irmã não tem peito; meu pai não tem telefone; o cego Raiban não tem visão. Sempre falta alguma coisa às pessoas e nem por isso elas parecem de mal com a vida. (NOVAES, 2008, p. 07)

Nesse parágrafo, já se deixa evidente que não haverá um conflito no personagem Raiban devido à falta de visão, pois, como descreve Tavinho, apesar da falta de algo, as pessoas não aparentam estar “de mal com a vida” devido às coisas que não têm.

Figura 7. Livro *O grande desafio*



Fonte: BANDEIRA, Pedro. *O grande desafio*. 3^o ed. São Paulo: Moderna, 2016.

Título: O grande desafio

Autor: Pedro Bandeira

Editora: Moderna

Coleção: Série mistério, suspense e aventura

Edição: 3^a

Ano: 2016

ISBN: 978- 85-16-10356-9

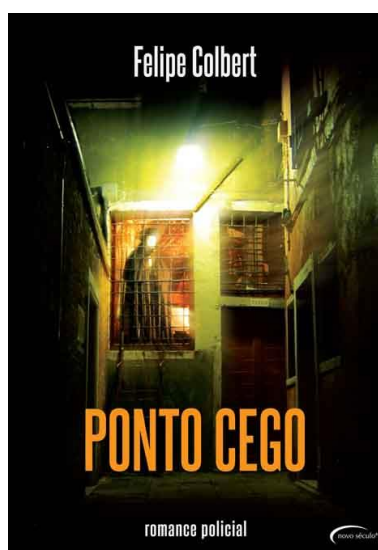
Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil

O livro *O grande desafio*, de Pedro Bandeira, foi lançado pela editora Moderna no ano de 2016 em sua 3^o edição revisada pelo autor, contendo 144 páginas. A história conta um grande mistério resolvido por um menino cego.

O personagem principal é Toni, o único aluno com deficiência no Colégio Professora Cidinha Moura, sendo que está lá desde o início da sua vida escolar. Em seu nono ano, várias coisas estranhas acontecem na instituição. A filha do dono falece em um acidente de carro; após alguns meses, o próprio dono cai na escadaria, ficando afastado do seu cargo de diretor; depois, o contador do colégio, seu Eugênio, vai preso acusado de desvio de verbas.

O caso de seu Eugênio chama a atenção do jovem Toni devido a ele ser o pai da sua primeira paixão, Carla. Entristecido pelo ocorrido, ele vê a chance de se aproximar da menina e ajudá-la com a situação, pois não acreditavam no fato do seu Eugênio ser um corrupto. Com o decorrer da história, eles percebem que os outros fatos estão todos interligados e descobrem que o grande vilão é um dos filhos do dono do colégio, juntamente com um italiano, que almejava transformar a escola em um grande shopping.

Figura 8. Livro *Ponto cego*



Fonte: COLBERT, Felipe. *Ponto cego*. São Paulo: Novo século editora, 2012.

Título: Ponto Cego

Autor: Felipe Colbert

Editora: Novo Século

Coleção: --

Edição: 1ª

Ano: 2012

ISBN: 978-85-7679-657-2

Palavras-chave: Ficção brasileira.

O livro *Ponto Cego*, de Felipe Colbert, foi lançado no ano de 2012 pela editora Novo Século, contendo 350 páginas. O livro em sua capa já vem deixando claro que a narrativa é um romance policial, que é preenchida de suspense, mistérios e aventuras.

A história inicia contando a vida de um casal, Daniel Sachs e Nilla. O casal sofre um acidente de carro, que tem como consequência a interrupção da gravidez de Nilla, e em seguida a separação deles.

Um ano após o acidente, Daniel misteriosamente recebe uma encomenda, contendo um pedido de socorro da sua ex-mulher, que desapareceu em Veneza.

Ao chegar na cidade situada no nordeste da Itália, Daniel, com a ajuda da dona do hotel no qual Nilla estava hospedada, descobre que o sumiço tinha vínculo com a produção de filmes *snuff* (um gênero fílmico onde mostram assassinatos de pessoas, sem uso de efeitos especiais). A última pessoa que havia entrado em contato com ela antes do seu desaparecimento era um famoso ilusionista cego, Lorenzo Oro.

Com a ajuda do investigador Giuseppe Pacino, eles descobrem toda a trama e salvam Nilla. Lorenzo Oro também estava envolvido em seu sumiço, mas não era o verdadeiro vilão; também tinha se tornado em uma vítima de Arno, o mentor da elaboração dos filmes *snuff*.

Figura 9. Livro *Surpreendente!*

Fonte: GOMYDE, Maurício. *Surpreendente!* Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

Título: *Surpreendente!*

Autor: Maurício Gomyde

Editora: Intrínseca

Coleção: --

Edição: 1ª

Ano: 2015

ISBN: 978-85-8057-808-9

Palavras-chave: Romance brasileiro

Surpreendente! é um livro escrito pelo compositor e baterista Maurício Gomyde, que, em 2015, em parceria com a editora Intrínseca lançou a obra com 272 páginas.

A história é centrada no jovem de 25 anos, Pedro Diniz, recém-formado no curso superior de Audiovisual. Durante a adolescência, foi perdendo sua visão, até que aos 19 anos a regressão da visão cessou misteriosamente, superando as expectativas da medicina.

Pedro trabalhava no último cineclube de São Paulo e gerenciava uma videolocadora na periferia da cidade. Seu grande sonho era o de produzir um filme bom o bastante para ganhar um grande prêmio do cinema brasileiro, o Cacau de Ouro. Passando por grandes dificuldades no ambiente de trabalho e na família, Pedro decide viajar até Pirenópolis, município do estado de Goiás, para encontrar sua avó, buscar um milagre para sua visão (que volta a regredir) e para gravar o

filme tão desejado, em parceria com seus amigos Fit, Mayla, e sua nova paixão, Cristal.

Durante a viagem, acaba descobrindo que é filho adotivo. Devido à continuidade da regressão da sua visão, Pedro faz uma tentativa de suicídio, mas é impedido por seus amigos. Após a grande aventura e ao retornar para casa, ele perde a visão totalmente, recebendo o apoio dos familiares e amigos.

Figura 10. Livro *Turismo para cegos*



Fonte: MONTENEGRO, Tércia. *Turismo para cegos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Título: Turismo para cegos

Autora: Tércia Montenegro

Editora: Companhia das Letras

Coleção: --

Edição: 1ª

Ano: 2015

ISBN: 978-85-359-2546-3

Palavras-chave: Ficção brasileira

O livro *Turismo para cegos*, escrito por Tércia Montenegro e lançado no ano de 2015 pela editora Companhia das Letras, é o primeiro romance da autora cearense professora do curso de Letras da Universidade Federal do Ceará.

A história é narrada por uma atendente de um *petshop*, quando ela conhece um casal antagônico em busca de um cão-guia. O casal desperta sua curiosidade, e

a atendente passa a observá-los. Laila e Pierre são os personagens principais e, apesar de serem um casal, o relacionamento parece ser traçado desde o início a não ter um final feliz.

Laila é uma estudante de Artes Plásticas, que dá aulas de pintura. Pierre é um funcionário público, que se considera feio e acomodado com seu emprego. Por recomendações de seu psicólogo, ele procurara um passatempo, e assim conhece Laila, que se torna sua professora. Mas, quando se conhecem, ela informa aos seus alunos que está ficando quase cega devido à sua retinose pigmentar.

A partir disso, Pierre se predispõe a ajudá-la, e eles começam uma vida a dois; ele se sente primeiramente um herói, e, em segundo lugar, conta com uma vantagem – por se relacionar com uma cega, ela não poderia julgar a sua feiura.

Para incentivar Laila a não se abater com o ocorrido em sua vida, Pierre concede viagens para Minas Gerais, Bahia, e a leva em praias em Fortaleza. Mas ela tem um comportamento único, pouco agradável, vingativo e manipulador. O fim do relacionamento acontece com uma traição ocasionada por Laila, e surpreendentemente, Pierre acaba se relacionando com a narradora de toda a trama, a atendente do *petshop*.

5 ANÁLISES E REFLEXÕES: UMA LEITURA DA DEFICIÊNCIA VISUAL NAS NARRATIVAS

5.1 Regimes de representação

Existem discursos comuns nos modos de retratar a deficiência visual que asseguram a permanência de uma forma de representar, sejam em filmes, novelas ou em livros. Aqui, irei me ater aos livros que compuseram a investigação: *Longe dos olhos*, de Ivan Jaf; *O grande desafio*, de Pedro Bandeira; *O menino sem imaginação*, de Carlos Eduardo Novaes; *Ponto cego*, de Felipe Colbert; *Surpreendente!*, de Maurício Gomyde e *Turismo para cegos*, de Tércia Montenegro.

Desses seis livros, todos têm inicialmente cinco elementos que os unem, pois atendem a critérios de uma seleção para que pudessem se tornar objetos de investigação para a pesquisa. Sendo assim, eles fazem parte do mercado editorial brasileiro, são ficcionais, têm personagens com deficiência visual, são de autores brasileiros e publicados em editoras comerciais consolidadas.

Mas as características comuns entre eles transcendem as cinco já pontuadas. Nas diferentes narrativas temos modos de representar os personagens com deficiência visual de modo muito próximo, mesmo sendo de autores diferentes e publicados em anos que também se diferem.

Então, surge o questionamento: quais são os regimes de representação usados na literatura quando esta retrata a deficiência visual? Quais são as tipificações e as estereotipagens?

Antes de responder à pergunta, gostaria de destacar que nos livros *Longe dos olhos*, *O grande desafio*, *O menino sem imaginação* e *Ponto cego*, os personagens com deficiência visual são cegos desde o início da narrativa; já nos livros *Surpreendente!* e *Turismo para cegos*, os personagens inicialmente têm baixa visão, que avança até ficarem completamente cegos. Contudo, em nenhum momento são utilizados os termos baixa visão, visão subnormal ou visão residual.

Mas, para responder ao questionamento, irei pontuar inicialmente as tipificações nas representações. Como já dito no terceiro capítulo, a tipificação é necessária para entendermos o que são as coisas, seus conceitos.

Em termos gerais, então, “um *tipo* é qualquer caracterização simples, vívida, memorável, facilmente compreendida e amplamente reconhecida, na qual alguns traços são promovidos e a mudança ou o ‘desenvolvimento’ é mantido em seu valor mínimo” (DYER, 1977, *apud* HALL, 2016, p. 191)

Nas obras analisadas, foram encontradas três tipificações; são elas: a bengala, o cão-guia e os óculos escuros.

Como já dito no terceiro capítulo, a bengala tem como função auxiliar a orientação e mobilidade de pessoas com deficiência visual, principalmente os cegos.

O recurso ajuda a perceber as superfícies e sondar o espaço à frente, com o objetivo de identificar as condições do piso, a existência de obstáculos, aclives, declives, degraus, reconhecer pontos de referência e proteger a parte inferior do corpo, evitando colisões.

No livro *O menino sem imaginação*, de Carlos Eduardo Novaes, existe um diálogo entre Tavinho (personagem principal) e Raiban (personagem com cegueira) sobre a bengala.

Perguntou [Raiban] como eu reagia à ausência da televisão.

— Não sei explicar, Raiban. Tô completamente desorientado.

— Como cego em tiroteio? — sorriu.

— É uma falta tão grande. É como sumirem com sua bengala!

Raiban considerou um exagero minha observação. Disse que sua bengala era uma necessidade imposta pela deficiência, mas quanto à televisão, qualquer um pode viver sem ela.

— Você também pode viver sem a bengala — retruquei.

— Até posso, mas vai restringir a minha vida! (NOVAES, 2008, p.70)

No diálogo, fica claro que o uso da bengala surge como uma imposição da deficiência – Raiban não utiliza o instrumento porque realmente deseja, e a negação do seu uso atinge a sua vida diretamente, o limitando e restringindo sua liberdade.

Por ser um instrumento necessário e geralmente utilizado por pessoas cegas, é comum que as representações tragam esse elemento para sinalizar que aquele sujeito tem uma deficiência, uma necessidade para poder ter autonomia em sua mobilidade.

Exemplifico com a novela *América*, lançada pela Rede Globo no ano de 2005, onde o personagem Jatobá estava sempre acompanhado de sua bengala, assim como Maurício de Souza representa Dorinha sempre com o instrumento.

Figura 11. Personagem Jatobá



Fonte: *Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo*. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/alesp/banco-imagens/detalhe/?id=58231>> Acesso em: 20 de dez. 2017.

Figura 12. Personagem Dorinha



Fonte: *Turma da Mônica Wiki*. Disponível em: <<http://pt-br.monica.wikia.com/wiki/Dorinha>> Acesso em: 21 de dez. 2017.

No livro *Surpreendente!*, de Maurício Gomyde, quando Pedro já está totalmente cego, ele é presenteado pelos amigos com uma bengala.

- Espera aí, não acabaram as surpresas.
- Ela colocou algo nas mãos de Pedro. Ele passou a tatear.
- Uma bengala? Pro ceguinho? — Ele riu. [...] (GOMYDE, 2015, p. 263)

O ato de receber a bengala como presente é como se esta fosse um elemento necessário para completar a transição do personagem entre a baixa visão e a cegueira; como se Pedro, naquele momento, fosse o “ceguinho” típico, como ele

próprio faz piada em sua fala e ri em seguida. Isso está “implícito” (ORLANDI, 1999) no texto; não está dito, mas tem um significado.

Contudo, existe também na obra *Ponto cego*, de Felipe Colbert, outro posicionamento, como a construção do personagem Lorenzo Oro. Ele é um ilusionista, com superpoderes, e nega o uso da bengala, demonstrando assim uma superioridade do personagem: “Nunca utilizava bengalas. Nem mesmo com a ausência de Sofia, seu cão-guia” (COLBERT, 2012, p.251).

O cão-guia também é uma tipificação encontrada nos diferentes livros, como também aparecem em outros artefatos culturais; o próprio personagem Jatobá, citado anteriormente, tinha um parceiro chamado Quartz; e Dorinha, seu cão Radar.

No livro *Turismo para cegos*, de Tércia Montenegro, o cão-guia surge como uma ideia de Pierre, para que Laila tivesse um entretenimento e conseqüentemente uma maior autonomia em sua mobilidade.

Foi então que recebeu a propaganda, um panfleto informativo sobre os cães. Com o treinamento correto, eles auxiliavam um cego, davam-lhe independência para andar nas ruas, trabalhar, fazer quase tudo. “E você sabe que hoje é lei que qualquer ambiente, seja restaurante, hotel ou aeroporto, aceite a presença do cão-guia? Ele não é visto como um animal, e sim como uma espécie de empregado, um funcionário da pessoa”. (MONTENEGRO, 2015, p. 104)

Assim como a bengala, o enfoque dado para o cão-guia nas narrativas é na possibilidade que eles permitam a autonomia, independência e liberdade do sujeito. Fica claro na citação do livro *Turismo para cegos* que o cão-guia possibilita a pessoa com cegueira a “fazer quase tudo”, mas não tudo. Mesmo com o uso dele, existem ainda assim limitações na vida do sujeito; ou seja, fica clara a demarcação da desvantagem.

É interessante pontuar que Laila, por ter um comportamento peculiar, aproveitava-se da cegueira para ter pouco cuidado com o cão; nos passeios, não dava possibilidade para que ele fizesse suas necessidades, e pouco se importava com os dejetos do cachorro, com a justificativa que não poderia limpar por ser cega.

Erving Goffman (2012, p. 20) afirma que “a criatura estigmatizada usará, provavelmente, o seu estigma para ‘ganhos secundários’, como desculpa pelo fracasso a que chegou por outras razões” e é isso que Laila faz. Em diferentes momentos da narrativa, ela se oportuniza da deficiência para justificar seus atos;

como se a deficiência fosse uma proteção para lhe retirar qualquer responsabilidade social.

Mas, apesar da falta de cuidado com o cão, Laila tinha um vínculo afetivo com ele, sendo um relacionamento dúbio. De acordo com Orlandi (2010, p. 70) “[...] em um texto não encontramos apenas uma formação discursiva, pois ele pode ser atravessado por várias formações que nele se organizam em função de uma dominante”.

Sendo assim, a relação do cão e de Laila perpassam por discursos de necessidade e descuido. Mas o que fica mais claro é a necessidade de reafirmar o comportamento desviante da personagem.

O bom relacionamento com o cão-guia aparece no livro *O grande desafio*, de Pedro Bandeira. O cãozinho Chip de Toni não era somente adjetivado como um cão-guia, mas também como sua companhia-peluda.

Figura 13. Cão-guia Chip



Fonte: BANDEIRA, Pedro. *O grande desafio*. São Paulo: Moderna, 2016, p. 33

A outra tipificação é o elemento dos óculos escuros. O uso deles é muito comum entre as pessoas com cegueira por razões estéticas, para proteger os olhos de perigos físicos ou até mesmo para esconder os olhos daqueles que enxergam. Considerei os óculos escuros como um elemento híbrido; ele pode ser considerado tanto como uma tipificação, quanto com uma estereotipagem.

Ele é uma tipificação pois é algo comum entre cegos, e esse elemento perpassa pelas narrativas analisadas: “Sílvia usava um vestido branco largo, de algodão. Parecia um anjo de óculos escuros” (JAF, 2008, p. 30) Os óculos são utilizados em diferentes espaços independente do momento do dia: “Ela não avançava como os outros deficientes, averiguando o mundo com a boca aberta e olhos abertos, numa expressão vazia. Laila sempre estava de óculos escuros, o que

lhe acrescentava um aspecto sóbrio”. (MONTENEGRO, 2015, p. 35). Na Figura 6, é possível visualizar o personagem Toni representado na capa do livro *O grande desafio*, de Pedro Bandeira, usando seus óculos escuros.

Os trechos extraídos para evidenciar o uso dos óculos escuros no parágrafo anterior contêm outros discursos que atravessam os exemplos que não poderiam deixar de serem analisados.

A primeira citação extraída do livro *Longe dos olhos* reflete a associação de Sílvia com um ser celestial, ou seja, no campo dos seres naturalmente bondosos. Isso me remeteu ao modo de representação binário pontuado por Hall (2016), onde os diferentes são acentuadamente polarizados, e isso acontece com a personagem, que sempre é legal, educada e perdoa facilmente as pessoas no enredo.

Já a segunda citação retirada do livro *Turismo para cegos* é um grande jogo discursivo, pois existem três grupos distintos para a manutenção da ordem social na frase: O grupo dos normais (a narradora, que é a recepcionista do *petshop*), o grupo dos segregados (pessoas com cegueira que andam de boca e olhos abertos com expressões vazias) e o grupo dos segregados aceitáveis (Laila, que mesmo estando sentenciada ao patológico, ao diferente, nega essa condição, e busca um perfil menos próximo possível “dos outros segregados”).

Mas, retornando de modo específico aos óculos escuros, eu identifico esse elemento como também parte da estereotipagem, pois fixa a “diferença” do sujeito. É algo tão comum de ser visto em pessoas com cegueira, que se tornou naturalizado.

Além disso, como pontua Hall (2016, p. 191, grifo do original) “[...] a estereotipagem implanta uma estratégia de “*cisãõ*”, que divide o normal e aceitável do anormal e inaceitável”.

Classifico o uso dos óculos escuros como um elemento que contribui para a categoria do “aceitável do anormal”. Isso é fortalecido com os seguintes trechos do livro *Surpreendente!*, de Maurício Gomyde: “Usava óculos escuros, que agora, cumpriam apenas a função de esconder das outras pessoas seus olhos inertes” (GOMYDE, 2015, p. 239); “Não fazia ideia de como o público reagiria quando percebesse que ele não estava vendo o filme. Por via das dúvidas, manteve os óculos escuros”. (GOMYDE, 2015, p. 255).

Nos trechos anteriores, fica claro que o uso dos óculos escuros é apenas para poupar daqueles que enxergam a imagem de olhos sem utilidade, ou para que o cego não tenha descrédito em seu trabalho pelo fato de não enxergar.

O uso dos óculos é para tentar moldar o sujeito, para que ele se pareça o mais próximo possível do que é considerado socialmente comum. Goffman (2012, p. 103) fala que existem técnicas de controle de informações, que é uma das estratégias usadas para “esconder ou eliminar signos que se tornaram símbolos de estigma”. Mas, mesmo com o uso desse objeto, sempre haverá uma fronteira simbólica entre o “normal” e o “patológico”.

Outro elemento que deve ser ressaltado sobre as citações do livro *Surpreendente!* é que, de acordo com Goffman (2012, p. 23), “o indivíduo estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação à maneira como os normais o identificam e o recebem”, e é justamente isso que acontece com Pedro, personagem do livro *Surpreendente!*, quando se torna cego.

Outro ponto caracterizado como estereotipagem é a cegueira condicionada ao mundo das trevas. Essa concepção está presente nas narrativas do *corpus* empírico, assim como é recorrente no texto bíblico.

Contudo, na Bíblia, fica claro que o discurso é em volta de uma cisão entre luz *versus* trevas, onde tudo que se refere a luz vincula-se com Deus ou com o que é bom, e trevas são o antônimo, simbolizam o que é ruim, o que é mau. “Deus viu que a luz era boa. E Deus separou a luz das trevas” (BÍBLIA, Gêneses, 1:4).

Nas narrativas das obras que foram analisadas, o discurso não aborda elementos ligados diretamente às questões religiosas; contudo, ainda assim, traz a carga negativa atribuída no texto bíblico relacionado à escuridão.

Por exemplo, no caso da personagem Laila na obra *Turismo para cegos*, o avançar da sua retinose pigmentar, que a deixa cega, tem a seguinte caracterização da narradora: “parte de suas atitudes seria explicada pela doença, o transtorno de cair num mundo escuro” (MONTENEGRO, 2015, p. 190). O mundo escuro, consequência da cegueira, é abordado como um problema, um incômodo, uma contrariedade, um prejuízo. “O mundo inteiro se apagou. Vivemos num idêntico mergulho depois desse feitiço. É a nova fase do planeta, a fase escura, e devemos aceitá-la, como se aceitam maremotos ou tufões”. (MONTENEGRO, 2015, p. 61).

A narrativa acaba sendo reduzida ao que eles chamam de “mundo escuro”, como se a cegueira não permitisse diferentes experiências, apenas a condição de viver em um mundo com apenas uma cor, o preto.

Esse pensamento se traduz no livro *Surpreendente!*, de Maurício Gomyde, quando Pedro fica cego: “Em duas semanas, o grande roteirista da existência

humana decretou: o milagre definitivamente não viria. Pedro, enfim, tornou-se ‘aquele ceguinho coitado’. E só restou o isolamento” (GOMYDE, 2015, p. 234). Em seguida, na página 235, há uma folha de cor preta, representando sua nova condição de vida.

Com esse exemplo, também podemos perceber a esperança de um milagre, como ocorre no Novo Testamento do texto bíblico, onde Jesus realiza curas em cegos já citados no segundo capítulo da dissertação.

Acredito que essa seja uma herança judaico-cristã que está enraizada culturalmente no contexto brasileiro. No livro *Ponto cego*, de Felipe Colbert, não se fala de milagre, mas se fala de pedido a algo ou alguém.

Lorenzo acordou, sabendo que o fato não o livrava da escuridão. [...] Muitas vezes despertava pensando que se fosse permitido fazer um pedido, desejaria abrir os olhos e poder ver luz, cores, formas; tudo aquilo que os outros enxergavam, mas que não davam importância. Um minuto apenas, já bastaria.(COLBERT, 2012, p.98)

O último elemento constante nas representações que classifiquei como estereotipagem foi o discurso em volta da desvantagem e da facilidade dos personagens cegos de serem enganados. Como, por exemplo, na citação a seguir:

A menina olhou para aquele garoto especial. Toni tinha estudado por mais de dez anos naquele colégio... Só que nunca pudera **ver** a fachada do prédio. Qualquer passante poderia dizer que havia um porão baixo sob toda extensão do Cidinha...
Carla acariciou a cabeça de Toni, percebendo que havia coisas no mundo que ele não podia **ver**. Aquele garoto fizera tanto naquele dia, que ela se esquecera de que ele não podia tudo... (BANDEIRA, 2016, p. 116, grifos do original)

O “não poder tudo” de Toni no livro *O grande desafio* não é uma mentira; contudo, é um discurso que se sobrepõe a todas as outras ações boas praticadas pelo personagem. Ele fica reduzido ao “não poder”; se destaca, assim, a sua diferença dos outros, e que por mais que ele se esforce, sempre haverá uma limitação.

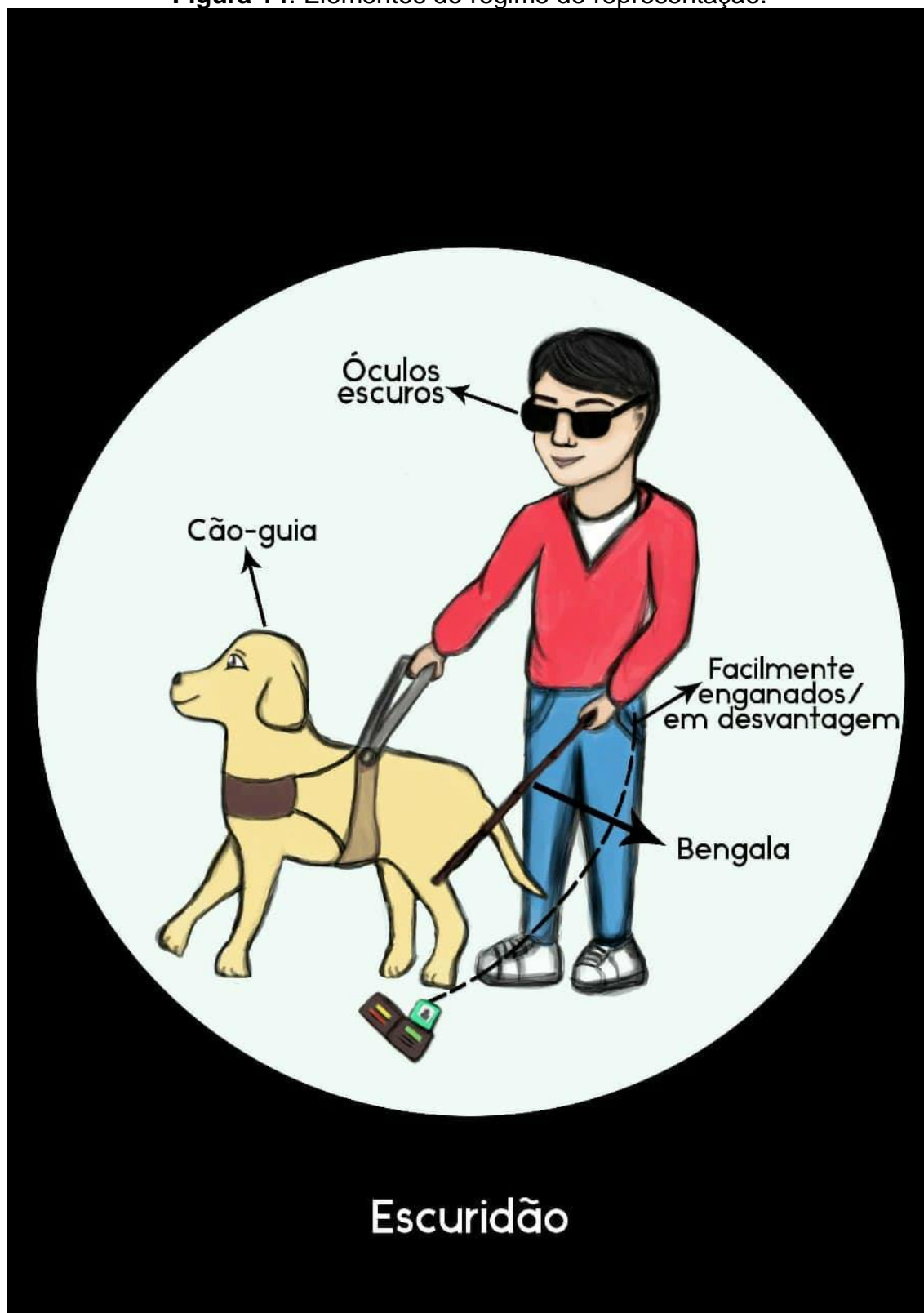
Já na obra de Ivan Jaf, *Longe dos olhos*, a ação praticada por Oto com Sílvia, a personagem com cegueira, tem como função ludibriá-la, aproveitar da sua condição para que mentiras fossem praticadas. A narrativa do livro está sempre

vinculada a essas ações, que também aparecem em outras narrativas, como em *Turismo para cegos e Surpreendente!*

Ele havia colocado fichas com anotações no bolso. Queria mostrar a ela como era culto e inteligente, mas tinha dificuldade em decorar informações práticas, por isso ia ter de “colar”. Ela não ia poder ver. Sentiu-se meio canalha, mas foi em frente. (JAF, 2008, p. 32)

Como é possível observar, existem variados regimes de representação nas obras, sendo que esses foram divididos entre tipificações –que são a bengala, o cão-guia e os óculos escuros (os quais foram reconhecidos como um elemento híbrido, ou seja, são tanto uma tipificação, como uma estereotipagem) – e estereotipagens – a cegueira condicionada ao mundo das trevas, e o discurso em volta da desvantagem e da facilidade dos personagens cegos de serem enganados. Para melhor exemplificar, a Figura 14 ilustra um exemplo do perfil de um personagem com deficiência visual encontrado nas diferentes narrativas.

Figura 14. Elementos do regime de representação.



Fonte: Elaborada pela autora

5.2 Questões representacionais transversais: raça, gênero, sexualidade, classe social e outros

Além da deficiência visual, cada personagem tem suas singularidades, suas histórias de vida e até mesmo outros estigmas. Neste momento, irei falar dessas outras questões transversais que compõem a complexidade desse corpo já marcado pela deficiência nas narrativas.

A primeira temática que irei abordar é sobre as questões raciais nos livros. Referente aos personagens com deficiência visual, apenas dois são ilustrados em suas capas, Toni de *O grande desafio* e Sílvia de *Longe dos olhos* – ambos são brancos. Nos outros livros, não se esclarece a cor dos personagens, mas pelos indícios das narrativas, cheguei à conclusão de que todos são brancos – por exemplo, o personagem Lorenzo Oro de *Ponto cego* é europeu.

É necessário pontuar que nenhum dos autores dos livros é negro, e que uma pesquisa desenvolvida por Regina Dalcastagnè (2008) evidenciou que, em um *corpus* empírico de 258 livros de romances brasileiros de 1990 a 2004, 80% dos personagens são brancos e 93,9% dos seus escritores também.

Essa carência de personagens e autores negros refletem nossa sociedade e seu racismo enraizado e estruturado. Aqui, pontuo a invisibilização social dos negros não somente na literatura, mas na televisão, no cinema e em outros espaços representacionais e de poder.

Os personagens com deficiência não são estigmatizados pela sua raça. Contudo, no livro *Longe dos olhos*, o tema é colocado em destaque, visto que o personagem Oto nega a Sílvia sua negritude, pelo fato de achar que ela poderia rejeitar sua companhia por ser branca e aparentemente de boa classe social. Então, ele a engana utilizando-se da cegueira da personagem, manipulando sua própria identidade. A narrativa tem uma concepção ideológica contra qualquer forma de discriminação racial.

— Tenho me sentido muito mal esses dias, Oto. Esse livro então, nossa, como mexeu comigo. Se você soubesse como eu sofro quando meu tio, ou meu primo, chegam em casa arrasados por serem vítimas de algum preconceito racial.

— Deve ser muito triste.

— Isso tudo é tão absurdo, Oto. Só os cegos compreendem como é absurdo! A cor não faz diferença, entende? Se todos fossem cegos, todas as peles seriam iguais. Se o sol fosse roxo, os corpos seriam amarelos, vermelhos, sei lá. A cor é um luxo. É abstrata. É subjetiva! Isso é tudo uma

grande bobagem. A fonte do racismo é o quê? O sol? E se a gente mudasse de cor, como dizem que os camaleões fazem? (JAF, 2008, p. 119)

O livro busca criticar o racismo, para desarticular e denunciar a construção sócio histórica do mesmo.

Outro elemento transversal refere-se às questões de gênero nas obras, que seguem uma linha tradicional, onde as representações retratam uma condição binária, homem ou mulher. Isso recai sobre todos os personagens, não somente para os com deficiência. Não existem outros gêneros representados; sendo assim, a literatura reflete, também nas suas ausências, características sociais da invisibilidade que essas pessoas vivem.

Pontuo também que, entre os seis autores, cinco são homens e apenas uma mulher. E, dos personagens com deficiência visual, quatro são homens com as seguintes ocupações diante da condição de cegueira: estudante, ilusionista, professor universitário e professor de música. Já as duas mulheres representadas, uma não tem suas ocupações especificadas e a outra deixa sua profissão quando fica cega.

Sendo assim, vemos uma distinção clara entre homens e mulheres frente à condição de uma deficiência. O homem permanece produtivo ao capital, já a mulher vive condicionada a experimentar uma improdutividade social.

Já a orientação sexual dos personagens é algo bem demarcado: todos são heterossexuais. Os personagens cegos homens foram retratados com a sua virilidade em destaque. Um exemplo disso é Lorenzo Oro do livro *Ponto cego* – o personagem é desenvolvido a partir de uma perspectiva de sucesso e superação da deficiência, sempre ao lado de uma mulher extremamente sedutora, com sua masculinidade firmada. Um exemplo é o diálogo a seguir, quando Daniel vai à procura de sua esposa.

— Nilla chegou até a mim. Nos conhecemos aqui mesmo, nesta sala. Posso dizer que permaneci o tempo todo sentado nesta poltrona e ela se colocava mais distante do que você, se isso o conforta.

— Não me preocupo com isso.

— É claro que não! – Lorenzo deu um sorriso, irônico. — Interesse por um cego? (COLBERT, 2012, p. 214)

Outros personagens chegavam a duvidar de sua cegueira, devido à inveja que causavam em tantos outros homens não deficientes e devido à sua orientação, mobilidade e profissão de ilusionista.

O personagem Raiban do livro *O menino sem imaginação* também demarca a sua heterossexualidade na narrativa. Apesar de ser um personagem secundário e não ter outros temas tão bem explorados além da sua própria deficiência, a sua virilidade aparece. Ao chegar no ponto de ônibus acompanhado de Tavinho, ouviu uma voz feminina linda, e passou a descrever a mulher como se fosse uma *miss*, desejando-a.

É necessário pontuar que o elemento sexualidade se distingue dos achados da pesquisa realizada por Kent (1989), já apresentados no terceiro capítulo desta dissertação. Ela pontua duas abordagens: a primeira é como se o personagem cego fosse assexuado, e a segunda é como se a sexualidade fosse aflorada, algo extraordinário nesses personagens. Nas obras aqui analisadas, não existem essas duas condições, mas é perceptível a demarcação da orientação sexual dos personagens.

Os resultados encontrados em relação à orientação sexual também condizem com os achados da pesquisa realizada por Dalcastagnè (2005), onde 81% dos personagens são heterossexuais.

Já as questões em volta das classes sociais nas narrativas mostram que personagens com deficiência e que fazem parte de uma boa classe social têm uma relação diferenciada com a sociedade e a própria deficiência. Por isso, volto a falar de Lorenzo Oro – ele é considerado um personagem com deficiência de sucesso, pois teve uma infância pobre e ficou órfão, mas tornou-se um modelo de superação, tornando-se uma celebridade na Europa.

Apesar da cegueira ser determinante na construção do personagem, ao mesmo tempo ela fica camuflada na classe social de Lorenzo Oro, em sua masculinidade e em seus poderes de ilusionista.

O personagem Pedro do livro *Supreendente!* também é um exemplo. Mesmo com as dificuldades na escola devido à baixa visão, foi para o Ensino Superior e fez o curso de Audiovisual, alcançando esse nível de ensino por ter todo o apoio dos pais e por ser de uma família com boa condição financeira, pertencente à classe alta.

É válido ressaltar que a sua mãe tinha aversão a favelas/comunidades, mas Pedro se sentia envolvido com essa classe e ao descobrir que é filho adotivo, e que seus pais o acharam em um saco de lixo, ele entende sua atração por essa classe e seu desejo de transformação social. É um personagem que busca ser herói em um mundo de tantas discrepâncias. Mas é inegável que a boa condição financeira da família permite que ele realize seus desejos.

Já no livro *Longe dos olhos*, existe um equívoco na condição financeira de Sílvia, que repercute em toda a relação com Oto na narrativa. Ele acredita que ela é rica por morar em uma mansão na Urca, bairro nobre do Rio de Janeiro. Então, mesmo sendo uma pessoa com deficiência, ele não a trata com sentimento de comiseração – dando a impressão que isso ocorre pelo fato dele acreditar que ela faz parte de um grupo de pessoas da classe alta; sendo assim, a deficiência não é um grande “problema”.

Oto não queria achar isso dela, mas era até natural que uma menina rica, moradora de uma mansão da Urca, um dos bairros mais caros e aristocráticos do Rio de Janeiro, com chofer, uma mãe com um colar de pérolas daquele, uma menina paparicada, ainda mais por ser cega, devesse ser superprotegida. Era natural que tivesse o mesmo preconceito contra negros, normal, que tem a maioria das pessoas de sua classe no Brasil. Os estereótipos...Continuou a ler. (JAF, 2008, p. 37)

No final da narrativa, ele então descobre que o chofer era o primo de Sílvia, que ela era órfã e criada pelos tios – que eram negros e viviam de aluguel na casa dos fundos de uma mansão na Urca. Então, surge uma desconstrução de toda a imagem elaborada da personagem feita por Oto, que pede desculpas por todo o preconceito construído.

Com a postura adotada por Oto, percebo que existe um grande diferencial entre a relação que se estabelece entre um não deficiente e uma pessoa com deficiência rica *versus* uma pessoa com deficiência pobre, e isso se reflete na literatura.

Já na obra *Turismo para cegos*, a personagem Laila, por ter que abandonar sua profissão devido à cegueira, passa a sobreviver com a mesada dos pais e acaba sugando todas as economias de seu parceiro. Isso deixa em uma situação difícil, e acaba abrindo mão de bens pessoais para comprar viagens para satisfazê-la.

Ela acaba aproveitando-se da sua deficiência adquirida para manipular Pierre ao máximo. Enquanto ele tinha uma condição para viabilizar viagens, ela tinha transparecia uma afetividade mais positiva com ele.

Ao buscar localizar as classes sociais dos personagens com deficiência visual, notei que quatro deles ocupam a classe média, e dois a classe alta. Não existe a representação de personagens cegos em condição de pobreza ou mendicância, como já apontado em outras pesquisas no capítulo três da presente dissertação.

Outras curiosidades são que todas as narrativas têm grandes metrópoles como palco para as narrativas; além disso, cinco dos escritores são homens e da região sudeste, exceto Tércia Montenegro, que é mulher e nordestina.

5.3 *Filiações discursivas/ideológicas*

Para mim, os textos são grandes monumentos, que instauram sentidos, que têm especificidades históricas, que permitem variados modos de leitura e causam efeitos. Os textos estão sempre intrinsecamente filiados a ideais discursivos e ideológicos, e nesse eixo, pretendo expor quais são as filiações das obras aqui investigadas.

No primeiro capítulo da dissertação, citei alguns questionamentos que gostaria de encontrar no desenvolvimento da pesquisa, e um deles era se as narrativas tinham traços de inclusão ou exclusão.

Então, ao ler as obras, o primeiro tema identificado foi o da inclusão. No percurso histórico das pessoas com deficiência, elas perpassaram por experiências de exclusão, segregação, integração, e contemporaneamente existe a tentativa de vivermos o paradigma da inclusão, onde todas as pessoas com deficiência devem ter condições de igualdade no meio social.

Esse discurso aparece de modo claro na obra *O grande desafio*, de Pedro Bandeira, onde o personagem Toni estuda em uma escola adaptada para atender às suas necessidades.

O rapaz sabia encontrar facilmente os áudios-livros, as gravações da *National Geographic*, os DVDs de documentários da TV Educativa e tudo o mais que precisasse. Colocou os fones de ouvido. No teclado de um computador moderníssimo, pôs-se a digitar as informações que julgava importantes. Aquele computador tinha um teclado com as letras e os sinais do alfabeto braille em relevo, além de uma placa de som de onde uma

vozinha de mulher repetia suavemente tudo o que o rapaz digitasse. A um comando seu, uma impressora especial decalcaria os textos em um papel grosso com as letras transformadas em pontinhos do alfabeto braille. Ele também poderia usar outra impressora comum, imprimindo suas pesquisas em tinta para seus colegas do grupo. (BANDEIRA, 2016, p.13)

Nesse trecho, é descrito um espaço da biblioteca do Colégio Cidinha Moura, onde Toni tinha acesso a tecnologias assistivas, que são recursos que possibilitam a autonomia das pessoas com deficiência.

Em outros momentos da narrativa, fica evidente que a escola se preocupa em acolher alunos com e sem deficiência, utilizando da imagem de Toni para realizar a propaganda de uma instituição inclusiva.

Durante toda a narrativa, é perceptível uma preocupação em pontuar as adequações escolares para atender esse tipo de alunado, assim como é colocado em evidência o uso do braille, da bengala, do cão-guia, bem como a boa orientação e mobilidade de Toni, que utiliza ônibus de modo independente.

É perceptível que a filiação discursiva em *O grande desafio* corresponde ao modelo social de deficiência, onde existe uma busca pela eliminação das barreiras para que o personagem esteja incluído – diferente do que acontece com Laila no livro *Turismo para cegos*. Ao realizar uma viagem pela Chapada Diamantina, o guia desconsidera suas limitações, levando-a em trilhas de risco para sua integridade física.

No livro *O grande desafio*, também existe um cuidado com o uso da linguagem, que, em minha leitura, considero até de modo exagerado. Evita-se o uso da palavra “cego”, a qual aparece apenas uma vez no fim da narrativa, dando a entender que é uma palavra “politicamente incorreta”; em substituição, utiliza-se “aluno especial” ou “pessoa especial”.

Em contraponto com essa vinculação discursiva com o paradigma de inclusão, temos a obra *Turismo para cegos*, de Tércia Montenegro, que realiza críticas a essa tendência.

Em várias conversas, ela já demonstra impaciência com o que chamava de “demagogia do fim dos tempos”. [...] E toda a retórica da diversidade criara um léxico falsamente neutro para se referir a negros, gays ou deficientes, gerando polêmicas e projetos a se alastrar pelo mundo. Ninguém mais tinha direito ao silêncio ou à palavra censurada – embora o pensamento continuasse a todo vapor, incontrolável como sempre foi. Laila se inflamava com o caso dos cegos e a sua ilusória “inclusão”. Ouvira falar nos projetos que surgiram como benefícios – simples migalhas hipócritas. Sentira-se afrontada, poucos meses antes, por um programa

específico, vindo como propaganda pelo correio. Segundo a linguagem metálica da correspondência que Pierre leu, o projeto queria “garantir a possibilidade de fruição da arte para pessoas com deficiências – sensoriais, físicas ou intelectuais – por meio de estímulos multissensoriais e lúdicos”. “Belo politiquês correto”, disse Laila. “Posa de bonzinho mas revela o juízo por trás dos termos; as palavras não mentem.” (MONTENEGRO, 2015, p.70)

De acordo com o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2001, p. 207), a palavra “demagogia” tem o seguinte significado “1. Dominação ou predomínio das facções populares. 2. Conjunto de processos políticos para captar e utilizar as paixões populares”. A partir da terminologia “demagogia do fim dos tempos” dada por Laila, considere que ela nota o processo de inclusão como um ato político feito para agradar um grupo, que gera uma sensibilização na população e por consequência oportuniza ganhos para alguém, mas não necessariamente para as pessoas com deficiência. Sendo assim, nessa obra, o discurso da inclusão está desacreditado.

Existe também uma crítica ferrenha a palavras utilizadas quando se fala de minorias; então, termos atualmente considerados como discriminatórios e até mesmo violentos, são tranquilamente utilizados durante o enredo, como por exemplo: “E ali, no meio de tantas carcaças, saberiam os especialistas se aquela – Laila – tinha as cavidades típicas de um cego, traços particulares que a incluíam (apesar de nenhum osso faltar) no grupo dos aleijados?” (MONTENEGRO, 2015, p. 94). “A mãe não deveria saber que ele se apaixonara por uma inválida, ao menos não naquele momento” (MONTENEGRO, 2015, p. 28).

Em outros livros, também existem o uso de palavras já consideradas “politicamente incorretas”, como em *Longe dos olhos*: “Uma massagista, no canto oposto, tratava a coluna de uma velha inválida, sentada numa cadeira de rodas”. (JAF, 2008, p.19). Em *Surpreendente!*, quando Pedro descobre que era filho adotivo, diz em momento de raiva:

- O risco de terem um filho defeituoso?
- Não fala assim. Eles te amam exatamente como se você tivesse sido gerado no ventre de Ariadne.
- Era o destino? Que eles cuidassem de um filho defeituoso, mesmo sem ser gerado por ela?
- Deus tem suas razões, meu querido. O importante é que eles, os dois, lutaram pela oportunidade de cuidar de você. (GOMYDE, 2015, 208).

A impressão dada nessa passagem é que, no momento de um descontrole emocional, surgem as palavras que ferem atualmente, as consideradas socialmente

inadequadas em um período que muito se fala de respeito às diferenças; elas explodem do subconsciente para o consciente de modo “incontrolável”, como pontuado na passagem de *Turismo para cegos*. Então, elas não deixam de estarem presentes em nossa cultura, pois somos sujeitos históricos e carregamos as marcas de outros períodos.

Ainda falando sobre sujeitos históricos, no livro *Turismo para cegos* também existe uma reflexão entre o vínculo da deficiência, monstruosidade e defeito. Laila, certo dia, foi em um piquenique com Pierre, um garoto paraplégico chamado Mauro, que era seu colega de natação e seu pai Sávio. Ao pai relatar que a mulher que gerou Mauro o tinha abandonado após seu nascimento quando soube que ele seria uma pessoa com deficiência, Laila respondeu da seguinte maneira:

[...]“Eu teria feito o mesmo”, ela disse, solidária com a mãe ausente, a mãe-monstro que abandona o filho defeituoso – ou a mãe-defeituosa que larga o filho monstro. Não havia diferença. Por que aquele ideal em torno dos compromissos amorosos? Fêmeas de toda espécie rejeitam seus filhotes por vários motivos. Pessoas rejeitam umas às outras, apesar das ligações que têm. Não existe uma lei de permanência, exceto a que obriga alguém a estar no próprio corpo. Laila gostaria de acrescentar que fugiria disso também, se pudesse. Largaria cega aprisionante, deixaria a tal cega sem culpa nenhuma. (MONTENEGRO, 2015, p. 52)

Na citação, temos duas perspectivas de monstruosidade e defeito. A primeira adjetivada como monstro é a mãe, devido seu ato de abandonar o filho por ele conter um “defeito”. Através do julgamento cultural e social que pertencemos atualmente, ela comete uma ação que questiona sua humanidade; então, é colocada como monstro, torna-se aquela que causa repugnância, terror, medo; é considerada uma figura do mal. E o filho defeituoso, nesse momento, vem no discurso como um sujeito que tem uma imperfeição física, uma deformidade.

No segundo momento, o defeito se aloca na mãe e, por consequência disso, é gerado um filho monstruoso. E aqui, recordo-me da passagem bíblica no livro de João, capítulo 9:1-8, onde os discípulos perguntam a Jesus quem pecou para que o cego nascesse daquele modo, ele ou os pais? O vínculo da deficiência como consequência do erro dos pais ou por seu “defeito” permanece presente nessa elaboração discursiva. E o filho, nesse segundo momento, ocupa o espaço de monstro não devido a alguma ação, mas sim por consequência do seu corpo, que foge de um padrão.

E quando se diz “não havia diferença” (MONTENEGRO, 2015, p. 52), percebo que essa frase surge na perspectiva de que, em qualquer condição dos personagens (de defeito ou monstruosidade), ambos estão em condições de desvantagem, sendo estigmatizados. Além das questões de monstruosidade e defeito, a citação carrega outros discursos transversais, como ideal de maternidade e rejeição ao próprio corpo com deficiência.

Apesar de todas essas questões sobre deficiência na obra, gostaria de pontuar, que “*Turismo para cegos* não é essencialmente um livro sobre cegueira, mas uma obra que se utiliza da cegueira como uma estratégia para discutir as relações interpessoais dos personagens” (SILVA; BARROS; SILVA, 2018, p. 68).

Também foi possível identificar outra filiação discursiva no livro *O menino sem imaginação*, de Carlos Eduardo Novaes, que a deficiência está em relevo na identidade do sujeito; ou seja, ela sobrepõe a qualquer outra característica do personagem, então este sempre é adjetivado com essa condição. Por exemplo: “O cego Raiban saía do Instituto visivelmente aturdido por toda aquela barulheira que ele, apesar da sua extraordinária imaginação, não podia ver” (NOVAES, 2008, p.140); “As aulas terminaram cedo e na saída encontrei o cego Raiban [...]”(NOVAES, 2008, p.18).

Já no livro *Longe dos olhos*, de Ivan Jaf, é a própria personagem com deficiência visual que demarca sua condição. “— Eu sou cega, Oto. Descrições pra mim são uma viagem. [...]” (JAF, 2008, p. 25) “[...] Eu não posso ver, acho que é por isso que **sei** que as pessoas são todas iguais” (JAF, 2008, p. 119, grifo do original). Essas afirmativas feitas por Sílvia definem algumas questões de identidade. E, de acordo com Tomaz Silva:

Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. “Nós” e “eles” não são, neste caso, simples distinções gramaticais. Os pronomes “nós” e “eles”, não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder. (SILVA, 2013, p. 82)

Com a frequente afirmação de ser uma pessoa com deficiência visual, a personagem demarca sua identidade e suas desvantagens frente aos outros sujeitos, como nos seguintes exemplos: “Fiquei desconfiada de você. Eu sou cega...

No bar, por exemplo, quando você começou a falar sobre a história do Brasil... você podia estar lendo...” (JAF, 2008, p. 118); “— Tudo bem, eu fiz uma imagem mental tua. Mas ficou faltando...Eu queria sentir o teu rosto. Posso? Com as mãos [...] — Por quê? — gaguejou. — Porque eu sou cega, Oto. É uma forma de eu te ‘ver’. Tocando” (JAF, 2008, p. 56)

No mesmo livro, existe uma preocupação com o uso da linguagem quando existe um dialogo com um deficiente visual, de modo específico, com o uso do verbo “ver”.

— Não precisa pagar nada?
 — Não. É um serviço comunitário. Pode trazer alimentos não perecíveis, essas coisas... A gente **vê** isso depois...
 Oto fez uma careta.
 — Não peça desculpas de novo — Sílvia riu.
 — A gente custa a se acostumar
 — O pessoal tem preconceito.
 Quando ela disse isso ele ficou muito atento. Era uma palavra que acendia seu cérebro.
 — Como assim? — ele perguntou.
 — É o que a palavra significa: “pré-conceito”, um conceito antes da realidade dos fatos. Você me vê aqui, cega, e já acha que deve ter pena de mim porque sou uma sofredora, e aí fica culpando e se policiando pra não falar o que não deve.
 — É
 — E vai ficar enfiando “desculpas” em cada frase. Me poupe, tá? Eu sou cega de nascença. Tenho dezenove anos e nunca vi nada. Então o meu mundo é assim mesmo. Pronto. Agora... eu sei que sou diferente, quer dizer, a maioria das pessoas enxerga.
 Ela falava isso sorrindo, não estava chateada com ele. E continuou:
 — Então o mundo é feito por pessoas que enxergam. Tudo bem. As frases, as expressões, as conversas, tudo é feito pelas pessoas que enxergam. Daí quando o sujeito fica diante de uma pessoa cega começa a falar um monte de coisas “politicamente incorretas”. Não é culpa dele. A não ser que acredite de fato no que tá dizendo, compreende? Os negros, acho que sofrem muito com isso. É. Os negros sofrem um bocado, você nem imagina. Oto ficou calado.
 Ela não sabia que ele era negro.
 Ele entendeu uma coisa ali, naquele momento, e disse a ela:
 — De repente a maior parte do preconceito tá na linguagem.
 — Táí. É o que acho também, Oto.
 — De repente a linguagem é lenta demais para captar coisas novas.
 — A linguagem é cheia de lugar-comum. A gente fala meio que ligada no automático.
 — Eu sou ateu, mas vivo falando “nossa senhora”, “juro por Deus”, “se Deus quiser”...
 — Pois é. Então relaxa, tá? Você vai deixar furo comigo a toda hora. Se pedir desculpa toda vez que usar o verbo “ver”, vai me encher o saco. (JAF, 2008, p. 25)

No início da citação, é perceptível um constrangimento do personagem Oto, por utilizar o verbo “ver” com Sílvia. É como se o verbo fosse a palavra proibida para

utilizar com um cego. Esse constrangimento também ocorre no livro *O grande desafio*, de Pedro Bandeira, quando pessoas que enxergam dialogam com Toni (personagem cego), e acabam utilizando o verbo.

Sílvia, ao perceber o acanhamento de Oto, justifica que o sentimento dele corresponde a algo maior – a percepção real que ele sente por ela devido sua deficiência, que é de pena. E ela se posiciona de modo que compreende sua diferença e suas limitações em um mundo altamente visocentrista.

Mas, para a personagem, é a linguagem que carrega o preconceito; nela, está centrado talvez o maior desafio a ser superado, e acredito que essa seja uma das filiações discursivas do livro. Amiralian (1997), ao discorrer sua pesquisa sobre a cegueira na literatura, faz referência em volta do verbo “ver” e seus derivados na língua portuguesa.

A identificação de ver com conhecer é antiga. Desde a antiguidade, a cultura grega identificava pela linguagem o ver e o pensar. *Eidos*, forma ou figura, é afim à *Idéia*. Sócrates, em Fédon, descreve a cegueira como a perda do olho da mente. De modo semelhante, em nossa linguagem cotidiana, observa-se a utilização das palavras *visão* e *olhar*, ou o uso de seus sinônimos e derivados, com esse significado, nas mais diversas situações.

Quando desejamos assegurar que algo é efetivamente verdadeiro dizemos ser “evidente” e sem “sombra” de dúvidas, reafirmando a certeza de que o conhecimento verdadeiro equivale à *visão* perfeita.

Falamos em “*visões do mundo*” quando nos referimos às diferenças culturais, de “*pontos de vista*” e enfoque, ao nos referirmos a uma estrutura conceitual de referência, ou em “*revisão*” quando queremos nos referir a mudanças ou correções de idéias.

Assim, em nossa mente, identificamos o não-ver com a incompreensão, incompetência, ou incapacidade de compreender e conhecer com perspicácia e profundidade as verdades do mundo. Talvez esta seja uma explicação para as dúvidas a respeito do desenvolvimento intelectual dos cegos e para a grande quantidade de estudos e pesquisas sobre suas funções cognitivas. (AMIRALIAN, 1997, p. 24).

É interessante a afirmação de Amiralian, quando ela diz que o não-ver está associado à incompreensão, incompetência ou incapacidade para compreender o mundo. Acredito que é justamente daí que surge o constrangimento em utilizar o verbo “ver” com uma pessoa cega; por ela de fato não enxergar, o sujeito vidente acredita que recorda a condição da pessoa com deficiência, a sua limitação.

Mesmo depois da explanação feita por Sílvia sobre o uso do “ver”, Oto ainda utiliza o verbo em outros momentos, e mesmo assim se constrange. Existe um ideal social que é inadequado à utilização dessa palavra com as pessoas com deficiência visual; contudo, ela e suas derivações estão presentes na língua portuguesa de

modo muito recorrente, como explanado na citação anterior, criando alguns ideais sobre aquele que não vê. Não existe uma regra se podemos usar ou não; afinal, o sentido das palavras são ressignificados em nosso meio cultural.

Assim como na Bíblia, nos livros existem elaborações discursivas em busca de um milagre para a cura da deficiência. Esse acontecimento é desejado como uma fonte de esperança. Existem discursos que ficam implícitos os vínculos com seres celestiais, e outros mais evidentes, como o caso de Pedro em *Surpreendente!*

Som de passos com eco, uma igreja. Nossa Senhora do Rosário. A oração de Pedro. Santa Luzia. O diálogo entre Cristal, Pedro e Mayla sobre egoísmo terminava com a voz de Pedro ressoando pelos alto-falantes do SubCultural: “Busco uma chance, apenas uma. Se o nome disso for milagre, é assim que vou chamar. (GOMYDE, 2015, p.260)

A citação anterior descreve o momento que Pedro ouve o filme que construíram a partir da viagem realizada por ele e seus amigos. São diferentes cenas, e entre elas, está Santa Luzia e a palavra “milagre”. A santa é considerada pelos católicos como a protetora dos olhos, a santa da luz e da visão, e é nela que Pedro se apega. Apesar dos desejos de milagre, não existem curas em nenhuma das narrativas.

No capítulo três da presente dissertação, um dos elementos pontuados por Monbeck (1973) é que, nas narrativas com personagens cegos, geralmente estes possuem poderes sobre-humanos, para compensar a cegueira, assim como Tirésias. Essa representação ficou bem evidente em Lorenzo Oro no livro *Ponto cego*, onde o ilusionista surpreende a todos com seus shows e ele mesmo se considerava como uma pessoa capaz de realizar milagres. Já Laila, do livro *Turismo para cegos*, desejava ter esses poderes.

Laila afirmava que seria menos inquieta se tivesse boa voz, cantando para se entreter – ou caso tivesse o dom de um profeta, em quem a falta de visão aguçava um tino para o futuro. Ela gostaria de prever os fatos; seria um exercício mais envolvente do que o jogo com as vozes. (MONTENEGRO, 2015, p. 111)

O discurso em torno da compensação da deficiência com dons não é algo forte nas narrativas, exceto em *Ponto cego*, onde a elaboração do personagem Lorenzo Oro é envolta de sua profissão de ilusionista.

Outro elemento discursivo importante de pontuar é que, diferente da pesquisa de Dowker (2013) – que notou que personagens mudam suas personalidades após a experiência com a deficiência –, isso não ocorreu com os achados dessa pesquisa. Existe uma linearidade nas características comportamentais e pessoais, independente de se estar cego ou com baixa visão.

Por fim, gostaria de pontuar uma última questão, que é sobre as relações de poder nas narrativas e os discursos que permeiam essas questões. O poder de cada personagem nas narrativas de fato não tem uma estrutura vertical, é algo circulante, como abordado no capítulo três da dissertação. Por exemplo, ao mesmo tempo que Laila, personagem do livro *Turismo para cegos*, aproveita-se do relacionamento com Pierre, ele também faz proveito da cegueira de Laila para tirar inúmeras fotos dela tomando banho sem o seu consentimento.

Assim como Pedro, em *Surpreendente!* – que, antes de ficar cego, liderava o grupo de amigos, após a cegueira e seu isolamento social, ele passa a ter uma relação de dependência com os outros personagens, e o poder começa a transitar entre o grupo.

6 CONCLUSÃO

Nos artefatos culturais, e aqui em especial, na literatura, temos uma pluralidade de representações da deficiência visual, como visto desde o início da dissertação. Isso é devido a variadas questões, inclusive, a capacidade imaginativa do homem e de suas vivências.

Na Bíblia, encontramos cegos de nascença, cegos mendigos, cegueira causada por punição divina. Em outras obras literárias, temos cegos assexuados ou com sexualidade aflorada, com poderes sobrenaturais ou são limitados devido a deficiência.

Essas são apenas algumas das inúmeras formas de representar a deficiência. Nas obras que compuseram o presente *corpus* empírico de investigação, outras representações também foram encontradas. Mas é válido destacar que “o campo da representação não é estático” (HALL, 2016, p. 224); sendo assim, todos os elementos encontrados na pesquisa estão em constante transformação nas diferentes culturas e no tempo.

Iniciei a investigação com o seguinte pergunta: “Como a deficiência visual está sendo tematizada e representada na literatura disponível no mercado editorial brasileiro?”.

Para responder à questão de pesquisa, utilizei três eixos. Foram eles: regimes de representação; questões representacionais transversais: raça, gênero, sexualidade, classe social e outros; e filiações discursivas/ideológicas.

As obras *Longe dos olhos*, de Ivan Jaf; *O grande desafio*, de Pedro Bandeira; *O menino sem imaginação*, de Carlos Eduardo Novaes; *Ponto cego*, de Felipe Colbert; *Surpreendente!*, de Maurício Gomyde e *Turismo para cegos*, de Tércia Montenegro, me concederam um leque de respostas, algumas coletivas e outras mais singulares de cada livro.

No eixo “*Regimes de representação*”, identifiquei que os personagens com deficiência visual, nas diferentes narrativas, têm elementos em comum – como a presença da bengala, o cão-guia, o uso dos óculos escuros, a condição de viver na escuridão, bem como a facilidade de serem enganados, estando em condições de desvantagem.

A identificação desses *regimes de representação* permitiu visualizar o perfil contemporâneo das representações desses personagens. Isso possibilitou, por consequência, compreender as concepções que o Ocidente e, de modo mais específico, brasileiros têm em relação ao fenômeno que é a deficiência visual.

Já no eixo “*Questões representacionais transversais: raça, gênero, sexualidade, classe social e outros*”, identifiquei indícios que todos os personagens com deficiência visual são brancos, heterossexuais, representados em uma condição binária de gênero, apenas homens e mulheres. Sendo que os homens têm profissões, independente da deficiência, enquanto as mulheres não trabalham devido à cegueira.

Outro elemento encontrado foi que os personagens com deficiência de classe alta têm a sua deficiência em menor destaque devido à condição financeira, e são tratados sem comiseração. Ainda gostaria de ressaltar que, dos seis escritores, cinco são homens da região sudeste, e apenas uma escritora é mulher da região nordeste.

No eixo “*Filiações discursivas/ideológicas*”, foi possível notar posicionamentos a favor do paradigma de inclusão, tendências discursivas voltadas para eliminação das barreiras, aproximando-se do modelo social de deficiência. Em contraponto, existem também discursos críticos ao processo de inclusão, assim como reflexões em volta da deficiência, defeito e monstruosidade.

Também foi perceptível nos discursos que a deficiência visual dos personagens está em relevo na construção da identidade, sendo algo bem demarcado, acima de qualquer qualidade física ou comportamental.

É preciso, ainda, enfatizar que discursos como compensação da deficiência com poderes mágicos aparecem apenas em uma obra, e existem passagens breves com pedidos de milagre, mas nenhuns dos personagens é curado, como ocorre no texto bíblico.

E, por fim, os últimos achados identificados foram a existência de um cuidado/orientação no uso do verbo “ver” em diferentes livros, quando usados com pessoas cegas. Isso é justificado devido ao vínculo que palavra tem com a visão, por isso existe um “tabu” na utilização da mesma.

Então, se pensarmos em um futuro longínquo, onde possíveis leitores tenham acesso a essas obras literárias, é possível que eles compreendam e tenham como

referência essas questões que foram representadas nas narrativas, para o modo em que viviam as pessoas com deficiência visual do nosso tempo.

Aproveito desse espaço para também validar a importância da pesquisa, que surge para preencher uma lacuna sobre estudos mais contemporâneos das representações de pessoas com deficiência visual, de modo específico. As pesquisas identificadas para compor o tópico “*Estudo atual do conhecimento sobre a representação de pessoas com deficiência visual na literatura*” apresentou um maior leque de pesquisas mais atuais, que traziam uma abordagem das diferentes deficiências e suas representações.

Além disso, os resultados encontrados poderão trazer um impacto nos estudos das representações sociais e no campo literário e em destaque na área da Educação, visto que as tendências sociais ressoam no ambiente escolar, e o tema das diferenças tem adentrado esses espaços devido a decisões legais e reflexo de um novo panorama social que estamos vivenciando.

E, de modo mais específico, trará colaborações para o campo da Educação Especial; afinal, os resultados trazem possibilidades de problematizações na área de conhecimento e contribuem para uma reflexão sobre os estigmas que ainda constroem o imaginário social em torno da deficiência visual, bem como os possíveis avanços no campo da inclusão que estão sendo repercutidos na literatura.

Aqui cabe também reconhecer a limitação da pesquisa, visto que o momento de análise não contemplou todas as obras encontradas, com personagens com deficiência visual, devido à limitação do tempo do mestrado.

Registro também algumas sugestões a serem abordadas em estudos futuros para novas perspectivas da presente pesquisa. A primeira é que exista uma ampliação do acervo analisado, em livros presentes em bibliotecas, escolas, livrarias ou até mesmo das obras já listadas no capítulo quatro da dissertação.

Outra sugestão é que se utilize de um grupo focal de leitores, para que seja possível compreender o impacto das construções leitoras de livros com personagens com deficiência visual ou até mesmo um grupo de leitores com deficiência visual, para buscar identificar se existe ou não um reconhecimento identitário nas representações literárias.

Para finalizar, é sempre bom ratificar que, ao me debruçar sobre essas obras, fiz um exercício de análise, que está aberto a novas e diferentes compreensões para outros leitores e pesquisadores.

REFERÊNCIAS

- A Bíblia Sagrada*. São Paulo: Paulus, 1990.
- AMIRALIAN, Maria Lúcia Toledo Moraes. *Compreendendo o cego: uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, FAPESP, 1997.
- AUROUX, Sylvain. *A filosofia da linguagem*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.
- BARRIE, James Matthew. *Peter and Wendy*. London: Hodder, 1911
- BARROS, Alessandra Santana Soares e. Quarenta anos retratando a deficiência: enquadres e enfoques da literatura infantojuvenil brasileira. Rio de Janeiro: *Revista Brasileira de Educação*. v. 20, n.60. jan./mar. 2015. p. 167-193.
- BRASIL. *Decreto nº 5.296* de 2 de Dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida. Brasília – DF, 2004.
- BRASIL. *Educação infantil: saberes e práticas da inclusão dificuldades de comunicação sinalização: deficiência visual*. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.
- BRASIL. *Lei nº 13.146*, de 6 de Julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília – DF, 2015.
- BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. *Cartilha do Censo 2010: pessoas com deficiência*. Brasília: SDH-PR/SNPD, 2012.
- CANONICI, CODEX IURIS. *Código de direito canônico*. Lisboa: Editorial Apostolado da Oração, 1983. Disponível em: < http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf> acesso em: 16 de jun de 21017.
- COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014. p.50.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 26, 2005.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 31, 2008.
- DALL'AGNOL, Dionara. *Educação e representações da deficiência na turma da Mônica, de Maurico de Souza*. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil. 2008.
- DINIZ, Debora. *O que é deficiência*. São Paulo: Brasiliense, 2007
- DOWKER, Ann. A representação da deficiência em livros infantis: séculos XIX e XX. Trad. Edgar Roberto Kirchof. Porto Alegre: *Revista Educação & Realidade*. v. 38, n. 4. out./mar. 2013. p. 1053-1068.
- GASTON, Sean. Derrida. São Paulo: Penso, 2012. p. 22.
- GINZBURG, Jaime. Cegueira e literatura. *Aletria* (UFMG), Belo Horizonte, v. 10/11, p. 53-64, 2004.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio, 2016.

- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2013.
- HUGO, Victor. O corcunda de Notre Dame. Zahar, 2015.
- ITUASSU, Arthur. Hall, comunicação e a política do real. In: HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio, 2016, p.10.
- JACBERNS, Raymond. *A Schoolgirl's Battlefield*. London: Chambers, 1910.
- KENT, Deborah. Shackled imagination: literary illusions about blindness. *Journal of visual impairment and blindness*, 1989.
- LESSA, Orígenes Themudo. *As cores*. In: Italo Moriconi (org.). Os cem melhores contos brasileiros do século. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, pp. 224-228.
- LISPECTOR, Clarice. Amor. In: *Laços de família*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.
- MACHADO, Antônio de Alcântara. Apólogo brasileiro sem véu de alegoria. In: *Contos Reunidos*. Organização de Djalma Cavalcante e Cecília Lara. São Paulo: Ática, 2002
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. O direito de ser, sendo diferente, na escola. In: *Inclusão e Educação: doze olhares sobre a educação inclusiva*. Org. RODRIGUES, David. São Paulo: Summus, 2006.
- MARTÍN, Manuel Bueno; RAMÍREZ, Francisco Ruiz. Visão Subnormal. In: MARTÍN, Manuel Bueno; BUENO, Salvador Toro. *Deficiência Visual: Aspectos psicoevolutivos e educativos*. São Paulo: Santos, 2010. p.44.
- MARTINS, Bruno Sena. *E se eu fosse cego? Narrativas silenciadas da deficiência*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2006.
- MEIRELES, Cildo. Espelho cego. [A obra foi exposta em São Paulo em maio de 2003, na mostra *Arte e sociedade: uma relação polêmica*, com curadoria de Aracy Amaral]
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria e método*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.
- MONBECK, Michael. *The meaning of blindness: Attitudes toward blindness and blind people*. Bloomington: Indiana University Press, 1973.
- MOTT, Odette de Barros. *No beco do sabão*. 4ª ed. São Paulo: Atual, 1987
- NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. In: *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Org. SILVA, Tomaz Tadeu da. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- NOBRE, Luciane Aparecida. *Personagens cegas na literatura brasileira: estereótipo e símbolo*. Benjamin Constant (Rio de Janeiro), v. 13, p. 18-27, 2007.
- NOBRE, Luciane Aparecida. *Personagens cegas da literatura brasileira: reflexões contemporâneas*. 2009. Dissertação (Mestrado) Juiz de Fora: Centro de Ensino Superior Juiz de Fora, 2009 .
- NORONHA, Lucélia Fagundes Fernandes. *A representação da deficiência na literatura infanto-juvenil nos tempos de inclusão*. 2006. Dissertação (Mestrado)– Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2006.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo, 2010.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e leitura*. São Paulo: Editora Cortez, 1999.
- PALAURO, Vilmo José. *Golpe de vista*. 4ª ed. São Paulo: Atual, 2009.
- PLATÃO. A república. São Paulo: Martin Claret, 2000, p.204.
- PORTER, Eleanor. *Pollyanna*. São Paulo: Ediouro, 2005.

- PRADO, José Luiz Gonzaga do. *A deficiência na ótica bíblica*. São Paulo: Vida Pastoral, mar./abr., p. 17 – 21, 2006.
- RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1984
- REAL, Daniela Corte. *A literatura infanto-juvenil 'nas águas' da inclusão escolar: navegar é preciso*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009.
- REILY, Lucia Helena. *Nas margens dos manuscritos e da vida: Representações de deficientes em iluminuras medievais*. In: 32ª Reunião Anual da Anped, 2009, Caxambu. Sociedade, cultura e educação: novas regulações? - ANPEd. Puc-Rio e Timbaúba, PE: ANPEd e Espaço Livre, 2009. v. 1. p. 1-15.
- REILY, Lucia Helena. Representações de deficiência em pinturas de temática religiosa: questões metodológicas. In: *Pesquisa e educação especial: mapeando produções*. Org. JESUS, Denise Meyreles de; BAPTISTA, Claudio Roberto; VICTOR, Sonia Lopes. Edufes: Vitória – ES, 2012, p. 341 - 360
- REY, Marcos. *O rapto do garoto de ouro*. 12ª ed. São Paulo: Global, 2005.
- ROSA, Guimarães. *O espelho*. In: Sagarana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *A cegueira e o saber*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SILVA, Manoela Cristina Correia Carvalho da; BARROS, Alessandra Santana Soares e; SILVA, Miralva dos Santos. Turismo para cegos: velhos e novos simbolismos numa obra literária sobre a cegueira. In: *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. Brasília: UNB. nº 54, 2018, p. 61-83.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- SILVEIRA, Rosa Hessel; KIRCHOF, Edgar Roberto; KAERCHER, Gládis; LIEBGOTT, Iara Tatiana Bonin; ZEN, Maria Isabel H. Dalla; SILVEIRA, Carolina Hessel; RIPOLL, Daniela; FREITAS, Leticia Fonseca Richthofen. *A diferença na literatura infantil: narrativas e leituras*. São Paulo: Moderna, 2012.
- TROUSDALE, Gary; WISE, Kirk; HAHN, Don. *The Hunchback of Notre Dame*. [Filme de animação]. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1996, 91min.
- TWERSKY, Jacob. *Blindness in literature: Examples of depictions and attitudes*. New York: Alfred A. Knopf, 1955.
- Um tesouro de contos de fadas. Ds-max, 1994.
- VALLE, J. W.; CONNOR, D. J. *Ressignificando a deficiência: da abordagem social às práticas inclusivas na escola*. Porto Alegre: AMGH, 2014. 240 p.
- VENÂNCIO, Ana Carolina Lopes. *Literatura infanto-juvenil e diversidade*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná. 2009.

OBRAS ANALISADAS:

- BANDEIRA, Pedro. *O grande desafio*. 3º ed. São Paulo: Moderna, 2016.
- COLBERT, Felipe. *Ponto cego*. São Paulo: Novo século editora, 2012.
- GOMYDE, Maurício. *Surpreendente!* Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.
- JAF, Ivan. *Longe dos olhos*. 2º ed. São Paulo: Ática, 2008.

MONTENEGRO, Tércia. *Turismo para cegos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

NOVAES, Carlos Eduardo. *O menino sem imaginação*. 13^o ed. São Paulo: Ática, 2008.